

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL



JADE RODRIGUES DELAMANHA

ORIENTAÇÕES PARA FAMILIARES DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA EM SALA
DE ESPERA DA UNIDADE SAÚDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR

São Carlos

2015

JADE RODRIGUES DELAMANHA

ORIENTAÇÕES PARA FAMILIARES DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA EM SALA
DE ESPERA DA UNIDADE SAÚDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR

Pesquisa apresentada como requisito obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), realizado na Unidade de Saúde Escola sob a orientação da Profª Dra. Adriana Garcia Gonçalves.

São Carlos
2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Leonardo e Daniela, pelos investimentos físicos e emocionais em minha educação e pelos valores que me ensinaram, além do carinho e amor eterno que sempre demonstraram. Sem eles nenhum sonho seria possível de se realizar. A fé que sempre tiveram em mim me fez vencer todos dos desafios que tive.

À minha irmã pelo apoio incondicional e perseverante no que faço e por ser a minha parceira de sempre.

À Giovana e Leandro, meu segundo pai, e aos meus avós Maria Helena, Liana e Wilson que sempre estiveram comigo me apoiando e demonstrando o mesmo amor e carinho.

Ao restante da minha família e às minhas amigas que, mesmo conhecendo minhas imperfeições e medos, continuaram acreditando em mim.

À minha orientadora e professora, Adriana, pela paciência e dedicação, incentivos e pela confiança de que eu tinha competência para concluir tal pesquisa.

À minha professora Lidia pela contribuição com tal pesquisa e pela disponibilidade e prontidão em me atender em minhas dúvidas e questionamentos.

À banca, pela paciência em ler e corrigir minha pesquisa, além da dedicação em sugerir melhorias e modificações para que o que escrevi ficasse melhor.

A todos os outros professores que tive na vida e me ensinaram a ser uma pessoa melhor, preocupada com o que recebo e emito para o mundo.

Obrigada a todos que contribuíram, até hoje para a conclusão desta etapa complexa e decisiva da minha vida.

RESUMO

Durante o atendimento de crianças com deficiência, nas várias áreas da saúde, seus pais permanecem aguardando em sala de espera. Neste ambiente, às vezes encontram-se revistas e/ou televisão na tentativa de entreter os pais durante o período de espera. Também é possível observar que há entre os pais/acompanhantes das crianças a troca de informações, que ocorre espontaneamente nesse ambiente. Nessas situações, pode haver trocas positivas ou, pelo contrário, trocas de informações que geram ansiedade, preocupação, dúvidas e expectativas. Para evitar esta situação, torna-se viável a realização de intervenção por profissionais. Diante disso, o objetivo do presente estudo foi o de proporcionar informações e trocas positivas de experiências por parte dos acompanhantes de crianças e adolescentes atendidas na Unidade Saúde Escola (USE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) possibilitando um ambiente de aprendizagem para acompanhantes que permanecem na sala de espera. A fim de possibilitar que a pesquisadora conhecesse melhor os participantes foram elaborados dois questionários com informações sobre as crianças atendidas. Possibilitando o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem para acompanhantes que permanecem em sala de espera, os encontros foram registrados por meio de um diário de campo para análise de dados. Tais encontros mostraram as possibilidades de desenvolvimento das potencialidades de seus filhos como estratégias para a melhoria da interação família-criança, além de revelar pontos essenciais e de evidenciar a necessidade que os pais tem em receber orientação sobre a escola, a vida diária e o desenvolvimento em geral dos filhos. Cada participante trouxe dúvidas de seu cotidiano relacionadas aos familiares com deficiência e pôde esclarecê-la junto ao grupo e orientadoras, de acordo com um material desenvolvido para cada reunião, fazendo com que o *feedback* dos encontros tenha sido importante para avaliação do resultado para os participantes, pois avaliaram de forma positiva os encontros de orientação, bem como as temáticas abordadas, em sua maioria.

Palavras chave: Educação Especial, Orientação, Familiares, Sala de espera, Educação.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Família e Crianças com Deficiência	11
1.2 Orientação Familiar à Familiares de Crianças com Deficiência	15
2 MÉTODO	20
2.1 Aspectos Éticos	20
2.2 Tipo de Pesquisa	20
2.3 Local	21
2.4 Tempo da pesquisa	22
2.5 Participantes	22
2.5.1 Caracterização das Participantes	23
2.5.2 Características das Crianças Atendidas na Unidade Saúde Escola (USE)	25
2.6 Materiais e Instrumentos de coleta de dados	26
2.7 Procedimentos de Coleta de Dados	27
2.7.1 Primeira Etapa – Aplicação do Questionário Inicial	28
2.7.2 Segunda Etapa - Condução das Reuniões de Orientação	28
2.7.3 Terceira Etapa – Aplicação de Questionário com Modelo <i>check-list</i> para Avaliação das Reuniões	29
2.8 Análise dos dados	29
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
3.1 Análise do Questionário Inicial	30
3.1.1 atendimentos da área da saúde realizados pelos filhos	31
3.1.2 Desempenho acadêmico do filho: nível de apoio para realização das atividades acadêmicas.	31
3.1.3 Rotina e atividades de vida diária dos filhos	33
3.1.4 Nível de independência dos filhos	34
3.1.5 Perspectiva familiar para o desenvolvimento do filho	37
3.2 Análise do Diário de Campo	39
3.2.1 Sessões de Atendimento do Ano de 2014.	40
3.2.2 Sessões de Atendimento do Ano de 2015	57
3.3 Resultados do Questionário Final/Avaliação das reuniões.	64
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68

5 REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICES.....	74
ANEXOS.....	92

Lista de Gráficos:

Gráfico 1: Atendimentos Realizados Pelas Crianças Participantes na Unidade Saúde Escola	31
Gráfico 2: Percentual de apoio que a criança recebe na realização de atividades acadêmicas	32
Gráfico 3: Atividades de rotina da vida da criança	34
Gráfico 4: Independência na locomoção	35
Gráfico 5: Independência na comunicação	36
Gráfico 6: Independência na realização de Atividades de Vida Diária (AVDs)	37
Gráfico 7: Itens de desejo das participantes para os filhos realizarem independentemente	38
Gráfico 8: Aprovação dos temas discutidos no ano de 2014	68
Gráfico 9: Aprovação dos temas discutidos no ano de 2015	69

Lista de Quadros

Quadro 1:Relação de Participantes do Ano de 2014	22
Quadro 2: Relação de Participantes do Ano de 2015	23
Quadro 3: Caracterização das Participantes do Ano de 2014	24
Quadro 4: Caracterização das Participantes do Ano de 2015	24
Quadro 5: Participantes e a Relação do Ano e Número de Sessões em que Participou	25
Quadro 6: Caracterização das Crianças Atendidas na Unidade Saúde Escola (USE) em 2014	25
Quadro 7: Caracterização das Crianças Atendidas na Unidade Saúde Escola (USE) em 2015	26
Quadro 8: Detalhamento dos Dias Previstos para os Encontros de Orientação do Ano de 2014	39
Quadro 9: Detalhamento dos Dias Previstos para os Encontros de Orientação do Ano de 2015	40
Quadro 10:Sessão 1A	41
Quadro 11: Sessão 2A.....	42
Quadro 12: Sessão 3A.....	44
Quadro 13: Sessão 4A.....	45
Quadro 14: Sessão 5A.....	46
Quadro 15: Sessão 6A.....	48
Quadro 16: Sessão 7A.....	49
Quadro 17: Sessão 8A.....	51
Quadro 18: Sessão 9A.....	52
Quadro 19: Sessão 10A.....	54
Quadro 20: Sessão 11A.....	55
Quadro 21: Sessão 12A.....	56
Quadro 22: Sessão 13A.....	57
Quadro 23: Sessão 1B.....	58
Quadro 24: Sessão 2B.....	60
Quadro 25: Sessão 3B.....	61
Quadro 26: Sessão 4B.....	62
Quadro 27: Sessão 5B.....	63
Quadro 28: Sessão 6B.....	65
Quadro 29: Número de Respostas Obtidas em Cada Questão no Preenchimento do Questionário Final pelas Participantes	67

1 INTRODUÇÃO

Durante o atendimento terapêutico nas várias áreas da saúde como, fisioterapia e a terapia ocupacional de crianças Público-Alvo da Educação Especial ¹, seus pais permanecem aguardando em sala de espera. Neste ambiente, às vezes encontram-se revistas e televisão na tentativa de entreter os pais durante o período de espera. Também é possível observar que há entre os pais/acompanhantes das crianças a troca de informações que ocorrem espontaneamente. Muitas vezes essas informações podem colaborar com a troca de vivências de acompanhantes de maior experiência com a criança com deficiência com aqueles que estão no início do processo de atendimento (GONDIM; PINHEIRO; CARVALHO, 2009). Assim, pode haver trocas positivas ou, pelo contrário, gerar ansiedade, preocupação, dúvidas e expectativas por parte dos acompanhantes e interferir no desenvolvimento da criança com deficiência.

Para evitar esta situação, torna-se viável a realização de intervenção por profissionais com o objetivo de possibilitar qualidade das informações com estratégias educacionais que valorizem as trocas de experiências exitosas entre os acompanhantes das crianças com deficiência que permanecem em sala de espera e fazer deste espaço um ambiente de aprendizagem.

Toda família que possui criança com deficiência tem direito de receber apoio e orientações específicas. O respaldo legal para esses direitos e deveres encontra-se na Constituição da República Federativa do Brasil, especialmente no inciso IV do artigo 208 (BRASIL, 1988). Já a ação pedagógica encontra apoio nos princípios emanados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), nas Diretrizes Educacionais sobre estimulação precoce (BRASIL, 1995) e na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2008).

Há a necessidade de intervenções que visem o aconselhamento e o esclarecimento de dúvidas que os pais trazem sobre seus filhos, tenham eles algum tipo de necessidade especial ou não. Cada momento do desenvolvimento da criança é um momento de incertezas e questionamentos para os pais. A época de frequentar

¹ De acordo com o Decreto 7.611/2011(BRASIL, 2011), passa-se a nomear Público-Alvo da Educação Especial (PAEE) aqueles que apresentam deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidade/superdotação.

escola, a rotina diária, as fases do crescimento são os pontos aonde mais se focam as dúvidas dos pais.

Devido a estes fatos, vale ressaltar a importância dos pais/acompanhantes de crianças receberem, de forma organizada e sistematizada, as orientações que possibilitam melhores condições de agirem e tomarem decisões de forma mais segura.

O objetivo geral deste estudo foi o de proporcionar informações e trocas de experiência por parte dos acompanhantes de crianças e adolescentes com deficiência atendidas na Unidade Saúde Escola ²(USE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), possibilitando o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem para acompanhantes que permanecem em sala de espera. Já os objetivos específicos são: Analisar o perfil dos participantes e crianças atendidas na Unidade Saúde Escola da UFSCar; descrever reuniões com base nas demandas apresentadas pelas participantes ao longo de um ano e meio de pesquisa com as mesmas; fornecer material instrucional adequado e pertinente às demandas de tais participantes a fim de informar os mesmos sobre assuntos de interesse auxiliando na construção do empoderamento³; avaliar as contribuições dos encontros realizados pelas mães quando às demandas e aos temas apresentados.

Desta forma, o presente trabalho foi organizado da seguinte forma: a primeira sessão, na introdução com a revisão de literatura, disposta nos itens 1.1 e 1.2, que abordam assuntos relacionados ao tema (Família e Crianças Público-Alvo da Educação Especial; Orientação Familiar para Famílias com Crianças Público Alvo da Educação Especial), a partir de uma escolha dos principais autores que discutem acerca do histórico da família, educação especial, orientação para pais, entre outros.

A segunda sessão referiu-se às questões metodológicas em que foram descritas a abordagem do estudo, os aspectos éticos, os procedimentos metodológicos adotados, o local de pesquisa, a caracterização dos participantes e das crianças atendidas, os materiais utilizados e as formas de análise dos dados coletados.

² “A Unidade Saúde Escola (USE), localizada na Área Norte da Universidade, é um espaço da UFSCar construído para o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão na área da saúde. A educação e a pesquisa acontecem de forma articulada com assistência aos usuários do Sistema Único de Saúde e por meio de capacitação de recursos humanos que atuam na área da saúde. Os atendimentos são realizados por docentes, profissionais de saúde da Unidade e, principalmente, por estagiários dos cursos de saúde da UFSCar, como Fisioterapia, Medicina, Terapia Ocupacional, Psicologia, Enfermagem e Gerontologia.”

³ O termo empoderamento refere-se a “capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras” (HOROCHOVSKI, 2006, p. 1).

Logo a seguir, na terceira sessão, os dados dos resultados e discussão foram apresentados de forma descritiva. A organização se deu com os resultados dos dados obtidos por meio de análise dos questionários aplicados e por meio da análise dos relatos de fala das participantes (diário de campo) de acordo com a análise de conteúdo e apresentados conforme as categorias elencadas. E, por fim, foram tecidas as considerações finais desta pesquisa.

1.1 Família e Crianças com Deficiência

O nascimento de um bebê com deficiência causa uma certa desordem emocional nos pais, ou seja, ficam inseguros e incertos frente a uma situação inesperada e não programada, o que causa estranhamento, dúvidas e um grau de impotência. Toda a expectativa e os planos são desconstruídos uma vez que os pais se veem diante de uma nova situação. Sá e Rabinovich (2006) aponta que “ao nascer uma criança com deficiência, o real vai de encontro aos sonhos e os pais encontram-se diante de uma nova realidade, uma situação traumática, desestabilizante, um desafio” (p. 73).

Cada família apresenta valores que são transmitidos de geração em geração. É na família e, por meio dela, que a criança estabelecerá os primeiros vínculos que o levarão a ter sua identidade, autoconfiança e confiança nas pessoas, desenvolvendo sua independência. De acordo com Sá e Rabinovich (2006), a família, a qual pertence a criança com algum tipo de deficiência, exerce um papel fundamental contrapondo-se à sua marginalização, além de favorecer a formação de novos vínculos e estruturação da vida da criança.

A criança, ao nascer, encontra-se em um ambiente inteiramente diverso e abrangente com os mais variados e possíveis estímulos. A família constitui-se como o principal estímulo e ambiente dessa criança e deve compor-se como estimuladora para o desenvolvimento da mesma. Assim, há a necessidade da família estar preparada e bem estruturada com informações e atitudes pertinentes para a garantia de tal relação com a criança.

A família constitui-se como importante e primeira entidade de influência para o desenvolvimento da criança. Quando encontramos famílias com filhos com deficiência, surge a necessidade de avaliar como a família pode contribuir para que tal desenvolvimento ocorra e o que pode ser feito para melhorar a relação entre a criança e os entes da família.

A pessoa com deficiência vem enfrentando, ao longo da história, uma série de exclusão e estigma que a sociedade impõe. Os preconceitos estão enraizados desde os tempos mais remotos nas comunidades. Mesmo que, hoje em dia, a história tenha mudado consideravelmente, ainda existem dificuldades e relações a serem melhoradas, na busca por uma sociedade menos preconceituosa e mais inclusiva, pelas pessoas tidas como “diferentes” do padrão de normalidade.

Reconhece-se a família como o primeiro contato social da criança e, assim, a estimulação recebida poderá criar as condições necessárias para o desenvolvimento da criança, levando em consideração seu nível de dependência, desde os primeiros anos de vida da mesma.

Segundo Souza (2012), a primeira vivência do ser humano acontece em família. É nesta que recebe um nome e sobrenome, estratificação social, biótipo específico de sua raça, etc. assim, conclui a autora, “a família é o primeiro espaço para a formação psíquica, moral, social e espiritual da criança” (p. 5).

Cada particularidade e cada vivência da família é essencial para a criação de instrumentos eficazes na avaliação das formas de lidar com a criança, desde seu nascimento até a sua independência total, o que pode não ocorrer em famílias com filhos com deficiência. Tudo deve ser levado em consideração visto que cada detalhe pode ajudar no desenvolvimento da criança.

Vygotsky (1989), em seu livro *A Formação Social da Mente*, afirma: o desenvolvimento da criança, em seu primeiro momento, é mediado pelo outro. Num segundo momento, a criança começa a se apropriar de um comportamento, uma cultura e de modos de funcionamento psicológico do seu grupo cultural, internalizando os mesmos.

Assim, a criança pauta-se em experiências, comportamentos e culturas sociais que a cercam para construir as suas próprias. Cada pessoa envolvida vai ser essencial para o desenvolvimento da criança de uma forma singular, com a colaboração que possa dar ao desenvolvimento e aprendizagem da mesma.

De acordo com Assunção Junior (1993) apud Moura e Valério (2003), a família em si é quem constitui uma unidade social significativa fazendo parte de uma unidade social maior, que é a comunidade imediata e a sociedade. É na família que

se aprende a ser único, a desenvolver a individualidade e a tornar-se uma pessoa criativa, em busca da auto realização.

A família é o primeiro contato significativo da criança. É onde irá aprender sobre o mundo e a vida. Se os integrantes da família reagem a ela de modo positivo, é provável que a criança se veja sob uma luz positiva, pois cada pessoa na família diz às outras quem elas são e se, provavelmente, serão bem sucedidas.

A família de uma pessoa com deficiência deverá desempenhar um papel de “motor” no desenvolvimento da criança. Deve superar inicialmente o choque da notícia e reagir na procura de soluções eficazes para as diversas dificuldades que poderão surgir. Cada fase enfrentada pela família após a descoberta da condição da criança com deficiência pode ser descrita por vários autores e pesquisadores como Moura e Valério; Blascovi-Assis; Klaus e Kennell.

Quando há a chegada de uma criança deficiente, os integrantes da família, que até determinado momento estiveram seguros em seus papéis bem definidos, se defrontam com uma mudança significativa que os fará passar por redefinições de papéis e mudanças de atitudes e valores, além do estilo de vida em si, como evidenciado por Moura e Valério (2003).

De acordo com Blascovi-Assis (1997) apud Moura e Valério (2003), quando nasce uma criança com deficiência, independentemente do tipo de deficiência, uma série de complicações relacionadas à culpa, rejeição, negação e desespero são observadas na família, modificando, principalmente, sua estrutura.

Klaus e Kennell (1992) referem que os pais geralmente parecem experimentar cinco estágios emocionais: choque, negação, tristeza, equilíbrio e reorganização, acreditando que educação e suporte familiar são os aspectos mais benéficos quando se tem uma criança com deficiência.

Desde muito cedo, a família passa por situações que envolvem uma série de profissionais, que devem estar aptos a lidar com tal situação psicológica e delicada e que possam auxiliá-los na reabilitação/melhora da criança.

A criança com deficiência e sua família entram em contato com profissionais ligados à saúde e à educação, que, de acordo com o tipo de deficiência, devem oferecer orientações quanto aos cuidados necessários, como

oferecer estímulos adequados, higienizá-la, alimentá-la, carregá-la e como realizar as adaptações que irão facilitar o dia-a-dia dessa família (LOPES; CORREA; KATO, 2002).

Os profissionais envolvidos na realidade da criança têm de estar conscientizados e instigados para que pensem no atendimento da criança, enxergando-a como um ser completo, com habilidades e dificuldades, e não apenas como um ser humano cuja característica única a ser observada seja o déficit a ser tratado.

As habilidades da criança podem ser muito úteis para que se contornem alguns dos problemas que são enfrentados por ela. Quando falamos de crianças com deficiência ou quaisquer dificuldades, isso se torna mais evidente, visto que há a necessidade de explorar outros sentidos, outras possibilidades e outros recursos para garantir o desenvolvimento da mesma. Daí a necessidade de acompanhamento, não só da criança, mas também de seus pais/acompanhantes, pois é de extrema importância que a criança seja estimulada no ambiente domiciliar.

Em cada família, existem valores transmitidos de geração em geração, envolvendo afeto e identidade, o que deve ser entendido e aceitado por todos as pessoas envolvidas nessa relação (profissionais, amigos, parentes, etc.). O padrão de apego estabelecido na infância é vital na vida adulta pois, através dele, os vínculos se tornarão mais duradouros, gerando na criança competência social, emocional e cognitiva (SA, RABINOVICH, 2006).

De acordo com Araóz, Costa e Maia (2010), a adaptação positiva da criança em seus estágios de desenvolvimento dependem de algumas variáveis que se relacionam com:

- Personalidade dos pais;
- Conhecimentos sobre o desenvolvimento humano;
- Valores a respeito da vida humana;
- Características especiais das dificuldades da pessoa;
- Recursos próprios ou disponíveis por políticas públicas;
- Apoios que possam obter na própria família e/ou das instituições de saúde.

Uma vez diante do problema, a família desenvolve mecanismos próprios para enfrentá-lo; cabe aos membros desta decidirem e optarem por

escolher tais mecanismos, seja por ajuda profissional, investimento em atendimentos de reabilitação privados, além dos públicos já garantidos, apoio de familiares, etc. Tais mecanismos variam de acordo com as crenças culturalmente instaladas e com a oferta e disponibilidade de recursos sociais.

Estes mecanismos serão desenvolvidos pela família ao longo do tempo e conforme a criança for atingindo certas idades. Cada idade e dificuldade da criança com deficiência vai exigir uma nova adaptação da família e uma nova motivação para que um novo objetivo seja alcançado, uma vez que o anterior foi superado ou substituído.

Outras estratégias podem ser utilizadas para auxílio no desenvolvimento da criança e podem ser elaboradas juntamente com os pais em grupos de apoio e orientação, tema principal deste estudo. Cada familiar lida com a necessidade da criança de uma forma e busca apoios de maneira própria, assim, uma troca de informação junto à profissionais e/ou outros familiares, também, pode ser entendido como um mecanismo de ajuda no desenvolvimento da criança com deficiência.

Dessa forma, a inclusão social de pessoas com deficiência está ligada diretamente à dinâmica das relações vivenciadas na própria família, ou seja, o nível de inclusão dessa pessoa pode ser desenvolvido de acordo com a disponibilidade da sua família em lhe proporcionar participação ativa em diferentes ambientes e relações sociais.

1.2 Orientação Familiar à Familiares de Crianças com Deficiência

O desenvolvimento da criança na vida (escola, casa, lazer, etc.) é algo que preocupa os pais e familiares desde o seu nascimento. Assim, é esperado que os pais busquem algum tipo de ajuda com o objetivo de receber informações sobre o que podem fazer para melhorar e auxiliar o crescimento dos filhos.

Com a chegada de uma criança com deficiência, os pais se veem em meio à um turbilhão de dúvidas e questionamentos sobre as necessidades especiais da criança. É comum que surjam algum apoio de familiares e amigos, mas o apoio profissional também se faz importante nesse momento uma vez que pode auxiliar os mesmos a estimular a criança desde os seus primeiros momentos.

As famílias são as melhores conhecedoras de seus próprios membros. Quando há algo que está bem ou mal, é percebido pela família pelas mudanças de humor e comportamento de seus integrantes. Daí a importância de se estudar cada um dos envolvidos no processo de desenvolvimento da criança com deficiência para objetivar e desenvolver uma orientação efetiva que surta efeitos positivos.

Fonseca (1995) apud Costa e Silva (2010) reforça a importância do apoio educacional às crianças com deficiência o mais precocemente possível e traz que além dos profissionais, há a necessidade dos pais estarem envolvidos nesse processo. Os pais são o primeiro contato da criança, na maioria das vezes, para brincar, estimular e aprender.

A literatura traz a evidência de que há uma necessidade básica de orientar os pais em tudo o que lhes for cabível a fim de:

...impulsionar o desenvolvimento de habilidades básicas das crianças normais, de alto risco ou daquelas com distúrbios no desenvolvimento, em seus primeiros anos de vida, a fim de prevenir ou minorar os déficits de que são, ou poderão ser portadoras, possibilitando-lhes um processo evolutivo tão equilibrado quanto possível (PÉREZ-RAMOS; PÉREZ-RAMOS, 1996, p.20).

As orientações com apoio profissional devem, prioritariamente, possibilitar o empoderamento da família, pois a participação ativa da mesma contribui diretamente para o desenvolvimento da criança com deficiência. Assim, as orientações em sala de espera com os acompanhantes assume função primordial para o desenvolvimento integral da criança com deficiência. De acordo com Ferreira (2007) ninguém melhor que a família para conhecer as reais necessidades e os limites de uma criança com problemas. A família apresenta habilidade para identificar as necessidades e as potencialidades da criança para sua participação nas atividades que demandam funções sociais, motoras e cognitivas. Além da identificação e construção de conhecimentos acerca das necessidades e habilidades da criança, faz-se primordial as vivências para o enfrentamento dos sentimentos e das indigências de cada membro da família, bem como de toda a equipe na tomada de decisões e na busca dos recursos para o bem estar da criança e da família (BRASIL, 2004).

As diretrizes do Plano Nacional de Humanização visa o acolhimento como uma oportunidade ao usuário de expressar suas preocupações e garantir atenção resolutiva e a articulação com os outros serviços de saúde para a continuidade da assistência, quando necessário (BRASIL, 2004). Assim, conclui-se

que o vínculo pode favorecer a eficácia das ações de saúde e também a participação do usuário durante a intervenção.

Como destacado por Pardo e Carvalho (2011), a disponibilidade de apoios, criam condições para fornecer orientações, informações e esclarecer dúvidas das famílias relacionadas à educação de filhos e também pode contribuir com a prevenção de problemas. Dessa forma, as orientações aos pais realizadas no momento da espera do atendimento de seu filho têm caráter educativo (CAMPBELL; PALM, 2004).

Dessa forma, é necessária conscientização dos pais acerca de todo processo de desenvolvimento da criança, bem como a formação de alianças com os profissionais. Esta proximidade vai ao encontro das concepções de educação em saúde na medida em que contribui para melhor entendimento das condições de saúde e de desenvolvimento integral da criança com deficiência por parte de seus acompanhantes. Diante disso, verifica-se a necessidade de criar situações em que pais e profissionais possam dialogar, e trocar experiências, visando apoio para a tomada de decisões (PARDO; CARVALHO, 2011).

Como no estudo desenvolvido por Pardo e Carvalho (2011), o presente trabalho visou o desenvolvimento de atividades em parceria com a família da criança. Considerando, portanto, as opiniões e necessidades das famílias. Dessa forma, como apontado pelas autoras o trabalho buscou estimular a participação ativa, desenvolvendo habilidades que possibilite maior adequação e independência na relação com seu filho, através de um grupo de mães que eram estimuladas a relatar suas experiências cotidianas e recebiam aconselhamento a partir disso por alunas de Psicologia.

O estudo buscou informações preliminares sobre as mães e famílias por meio de um questionário e, ao final, obteve informações sobre o impacto das orientações na vida da família. Cada encontro era composto e direcionado por uma temática que surgia a partir do que as mães relatavam em relação ao seu dia-a-dia, como apontado pelas autoras.

Um grupo de orientação pode auxiliar e potencializar o crescimento e desenvolvimento da criança com deficiência, fazendo com que a família entenda o que está relacionado à necessidade da mesma, o que está ligado ao período típico de desenvolvimento e o que não está. Com as orientações aos pais pretende-se:

...traçar um caminho, que se inicia na queixa e na busca de orientação pelos pais sobre as formas mais adequadas de lidar com seu filho, passa pela transmissão de informações e conhecimentos sobre o desenvolvimento do

indivíduo nas várias fases da vida, o processo de socialização, e do efeito das práticas de educação (BIASOLI-ALVES, 2005, p. 66).

No entanto, é importante que o profissional (ou os profissionais) envolvidos no processo de orientação à família e estimulação à criança estejam atentos para o cotidiano dos mesmos para que possa compreender o que apresentam e para que possa aconselhar mediante às características corretas, sem se esquecer também que a criança é participante ativa nesse processo.

Pereira-Silva (2003) ressalta a importância de adquirir mais conhecimentos sobre a ciência de se trabalhar em grupos de orientação com as famílias para que aumentem as chances de elaboração de um programa efetivo, sem esquecer que, para isso, é necessário estudar a família ao longo do seu ciclo vital.

Berthoud e Bergami (1997) fundamentam a importância de programas de orientação que enfatizem a adaptação familiar diante do nascimento de um filho, independente da presença de um filho com deficiência ou não, enfatizando que sempre há dúvidas à respeito da criança:

[...] ajudar pais e mães a compreender e acompanhar toda a trajetória do nascimento de um bebê, todas as implicações da gestação do parto e do puerpério em suas vidas pessoais e na vida da família que constituem, é assegurar uma família mais feliz e ajustada. É assegurar uma comunidade mais bem ajustada. É assegurar uma sociedade melhor, mais saudável emocionalmente (1997, p. 66).

Para garantir que os pais assumam-se como educadores e explorem todos os recursos disponíveis para si mesmos e para a própria família, é necessário que as informações que recebem levem em conta seu contexto social e emocional.

O programa de orientação a ser elaborado deve levar em conta as características da criança, da escola em que estuda, da necessidade especial que apresenta, do lugar onde mora e do acesso que tem a alguns locais, dos atendimentos que realiza, quantos integrantes tem sua família, se passam por necessidades financeiras, se frequentam alguma igreja ou se são adeptos de alguma doutrina religiosa, etc.

Todos os fatores devem ser levados em consideração para que o programa elaborado para os pais seja efetivo e possa causar o desenvolvimento desejado, incluindo questões emocionais, os estresses parentais, as relações pais-filhos, dando maior ênfase se estes são deficientes.

A criação dos filhos constitui-se como importante fonte de conhecimento dos pais. Cada filho tem, individualmente, sua maneira, costumes, habilidades e necessidades, demandando dos pais um tratamento diferente. As ações envolvidas na criação dos filhos estão diretamente ligadas às crenças, conhecimentos e habilidades dos pais, fatores que também devem ser observados na elaboração do programa de orientação.

A abordagem ecológica proposta por Brofenbrenner em 1996 pode nortear o profissional na escolha do programa de intervenção uma vez que proporciona um entendimento sobre a influência dos diversos ambientes na criança e nas pessoas envolvidas com ela. Tal abordagem indica a existência de sistemas interconectados que se englobam, passando pelas relações interpessoais que ocorrem nos ambientes onde a pessoa vive (casa, escola, trabalho), pelas relações entre tais ambientes e pelas influências culturais, sociais, econômicas e políticas.

Omote (1998) propõe uma abordagem voltada para o atendimento de pais/cuidadores e que pode ser caracterizada por suas duas vertentes: a “educação de pais” e o “aconselhamento de pais”. A primeira refere-se a instruir, treinar e supervisionar a família que passa a atuar como professor da criança com deficiência. A segunda refere-se a auxiliar a compreender e enfrentar os problemas e sentimentos decorrentes da deficiência da criança.

Assim, é possível que se conclua que há uma necessidade intensa de programas de orientação que contemplem toda a família, uma vez que os benefícios deste podem ser estendidos ao modo de organização e funcionamento familiar e social dos mesmos. No entanto, isso não ocorre de forma satisfatória, pois há uma sobrecarga de atividades que envolvem a família da criança com deficiência, faltando um horário em que todos possam participar em comum de alguma orientação.

Segundo Colnago (1997) apud Costa e Silva (2010) as orientações que se destinam às famílias devem considerar prioritariamente as necessidades e os desejos da mesma, com o objetivo de contribuir para a adaptação e autonomia da criança, além de favorecer seu desenvolvimento e ajudar a família a lidar com reações emocionais diante dos problemas e dificuldades enfrentadas.

Retomando, este estudo objetivou trocas de experiência e informação por parte dos acompanhantes de crianças e adolescentes com deficiência atendidas

na Unidade Saúde Escola (USE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Além disso, buscou analisar o perfil dos participantes e crianças atendidas na Unidade Saúde Escola da UFSCar; descrever reuniões com base nas demandas apresentadas pelas participantes ao longo de um ano e meio de pesquisa com as mesmas; fornecer material instrucional adequado e pertinente às demandas de tais participantes a fim de informar os mesmos sobre assuntos de interesse auxiliando na construção do empoderamento; avaliar as contribuições dos encontros realizados pelas mães quando às demandas e aos temas apresentados.

2 MÉTODO

2.1 Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) sob o nº 664.186 em 11 de março de 2014.

Neste documento esclarece-se os objetivos, necessidades e riscos, assim como consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) que foi entregue à todas as participantes antes que começassem as etapas de intervenção desta pesquisa.

Além disso, a pesquisa passou pela aprovação do Comitê de Ética da Unidade de Saúde Escola (USE), originando a aprovação da mesma, sob o número do processo interno 180, caracterizando-se como Projeto de Extensão e Pesquisa da mesma.

O processo interno exigiu que a pesquisadora e professoras submetessem o projeto, seus riscos e benefícios e a aprovação da UFSCar (Comitê de Ética) a uma avaliação dos membros da USE e, ainda, após a aprovação do mesmo pela instituição, foi necessário que as mesmas participassem da Oficina de Recepção, onde foram fornecidas instruções sobre as normas e procedimentos do funcionamento.

2.2 Tipo de Pesquisa

A pesquisa assume caráter qualitativo, pois considera o ambiente natural como fonte direta de dados. “Os dados qualitativos consistem em descrições

detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2004 p. 53).

Além disso, baseando-se nas definições de Gil (2008), tal pesquisa caracteriza-se por ser descritiva, porque busca descrever as características de determinadas populações ou fenômenos, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

A existência de momentos de solicitação de informações sobre as participantes e suas rotinas, dificuldades e dúvidas, trouxe para este estudo a característica de ser descritiva já que considera tais informações recebidas e as descreve neste. A reflexão das participantes e conselhos durante os encontros de orientação, o recebimento de alguns materiais e assistência com relação à alguns temas foram descritos neste estudo pela pesquisadora e, assim, apresentados aos leitores.

2.3 Local

A pesquisa foi desenvolvida nas dependências da Unidade Saúde Escola, mais especificamente no setor de atendimento à criança e ao adolescente - oferece ações individuais e em grupo nas áreas de fisioterapia em Neuropediatria, Intervenção Precoce, Terapia Ocupacional, Disfunção Física Infantil, Saúde Mental, Infanto-Juvenil e Psicologia.

Foi solicitado pela pesquisadora e pelas professoras envolvidas no estudo que houvesse uma sala para que fossem realizadas as reuniões com as participantes. No entanto, foi oferecida uma sala que se localizava em outro setor da Unidade e as participantes ficaram um pouco inseguras em deslocar-se para longe das crianças para os encontros de orientação. Assim, após conversas com as coordenadoras da Linha de Cuidado Infância/Adolescência, optou-se por salas no mesmo setor que não tinham frequência definida (dependia da disponibilidade do dia).

A pesquisa, então, foi realizada com as participantes em uma das salas disponibilizadas no mesmo setor de atendimento das crianças na Unidade Saúde Escola da UFSCar.

2.4 Tempo da pesquisa

A pesquisa ocorreu durante o período de um ano e meio, em atendimentos de uma hora para cada um dos dois grupos estabelecidos. Cada encontro dos grupos estava previsto primeiramente para acontecer a cada quinze dias. Por conta de férias escolares (julho de 2014), imprevistos de atendimento na USE e reuniões ou comemorações internas, nem todos os encontros previstos se realizaram e, assim, ao todo foram realizados 19 sessões.

Das sessões previstas (de acordo com o cronograma estipulado – (APÊNDICES C e D), as 19 sessões realizadas dividiram-se da seguinte forma:

- 13 sessões no ano de 2014 (no período compreendido entre março e novembro).
- 6 sessões no ano de 2015 (no período compreendido entre abril e julho).

2.5 Participantes

Os participantes da presente pesquisa foram os acompanhantes de crianças com deficiência física que aguardam em sala de espera enquanto a criança recebiam atendimento nas áreas da saúde, na Unidade de Saúde Escola da Universidade Federal de São Carlos.

Apesar de o projeto prever que os participantes poderiam ser homens e mulheres que acompanhassem os usuários do atendimento, os grupos contaram com a presença apenas de mulheres, como destacado nos quadros abaixo:

Quadro1 – Relação de Participantes do Ano de 2014.

Participante	Criança	Relação Parental Com a Criança	Horário de Atendimento
P1	C1	Mãe	8h-9h
P2	C2	Mãe	8h-9h
P3	C3	Mãe Adotiva	9h-10h
P4	C4	Mãe	9h-10h
P5	C5	Mãe Adotiva	9h-10h

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 – Relação de Participantes do Ano de 2015.

Participante	Criança	Relação Parental Coma Criança	Horário de Atendimento
P6	C8	Avó	8h-9h
P7	C9	Irmã	9h-10h
P1	C1	Mãe	9h-10h
P3	C3	Mãe Adotiva	9h-10h

Fonte: Elaboração própria.

Foi necessário que se estabelecesse dois horários distintos para que houvessem os encontros de orientação uma vez que havia divergência nos horários em que as participantes estavam na sala de espera da USE aguardando pelo atendimento das crianças. Assim, instituiu-se dois horários diferentes sempre no mesmo dia da semana (um das 8:00 às 9:00 da manhã e outro das 9:00 às 10:00 da manhã).

2.5.1 Caracterização das Participantes

As participantes desta pesquisa foram selecionadas de acordo com os critérios (ser familiar de alguma criança com deficiência atendida na USE; estar presente em sala de espera enquanto a criança realiza o atendimento de fisioterapia ou terapia ocupacional) já estabelecidos pela pesquisadora e professoras e posteriormente citados neste trabalho. Após conversa com a pesquisadora e a(s) professora(s) envolvidas sobre o que seria o objetivo da mesma e o quanto poderiam se beneficiar com relação à dúvidas e questionamentos, as participantes assinaram o termo e preencheram o questionário fornecendo as informações apresentadas pelo Quadro 3 (participantes do ano de 2014) e pelo Quadro 4 (participantes do ano de 2015):

Quadro 3 - Caracterização das Participantes do Ano de 2014.

Participante	Idade	Número de Filhos	Nível de escolaridade
P1	28 anos	3	Ensino Médio Completo
P2	44 anos	4	Ensino Médio Completo
P3	54 anos	5	Ensino Fundamental Completo
P4	29 anos	3	Ensino Fundamental Incompleto
P5	49 anos	1	Ensino Médio Completo

Fonte: Elaboração Própria.

Quadro 4 - Caracterização das Participantes do Ano de 2015.

Participante	Idade	Número de Filhos	Nível de escolaridade
P6	56 anos	Não informado	Não informado
P7	27 anos	0	Ensino Médio Incompleto
P1	28 anos	3	Ensino Médio Completo
P3	54 anos	5	Ensino Fundamental Completo

Fonte: Elaboração Própria.

É possível observar que a média de idade das participantes do ano de 2014 foi de 40,8 anos, sendo que a do ano de 2015 foi de 41,25 anos. A maioria das participantes dos encontros de orientação é a própria mãe da criança e, também, tem 3 ou mais filhos.

Quanto ao nível de escolaridade, pôde-se observar que a maioria das participantes, do ano de 2014 e 2015, completou o Ensino Fundamental, sendo que dessas, apenas 3 participantes concluíram também o Ensino Médio.

Quadro 5 – Participantes e a relação do ano e número de sessões em que participou.

Participante	Ano de participação	Número de sessões que participou
P1	2014/2015	12
P2	2014	7
P3	2014/2015	11
P4	2014	5
P5	2014	5
P6	2015	2
P7	2015	3

Fonte: Elaboração Própria.

2.5.2 Características das Crianças Atendidas na Unidade Saúde Escola (USE)

A partir das informações obtidas pelas participantes descritas, foi possível obter algumas informações sobre as crianças atendidas na USE (foco das reuniões de orientação), além de seu diagnóstico clínico de deficiência física. Os Quadros 6 e 7 apresentam informações de gênero, idade, ano escolar e tipo de atendimento que realizam.

Quadro 6 - Caracterização das Crianças Atendidas na Unidade Saúde Escola (USE) em 2014.

Participante	Idade	Ano Escolar	Gênero	Atendimento na USE	Diagnóstico Clínico
C1	11 anos	4º	Feminino	Fisioterapia/ T.O.	Deficiência Física
C2	14 anos	8º	Feminino	Fisioterapia	Deficiência Física
C3	18 anos	Escola Especial	Masculino	Fisioterapia/ T.O.	Deficiência Física
C4	11 anos	4º	Masculino	Fisioterapia/ T.O.	Deficiência Física
C5	09 anos	3º	Feminino	Fisioterapia/ T.O.	Deficiência Física

Fonte: Elaboração Própria.

Quadro 7 - Caracterização das Crianças Atendidas na Unidade Saúde Escola (USE) em 2015.

Participante	Idade	Ano Escolar	Gênero	Atendimento na USE	Diagnóstico Clínico
C6	9 anos	3º	Feminino	Fisioterapia	Deficiência Física
C7	4 anos	Escola Especial	Masculino	Fisioterapia	Deficiência Física
C1	11 anos	4º	Feminino	Fisioterapia/ T.O.	Deficiência Física
C3	18 anos	Escola Especial	Masculino	Fisioterapia/ T.O.	Deficiência Física

Fonte: Elaboração Própria.

De acordo com as informações, foi possível concluir que as idades das crianças atendidas na USE são variadas e estabelecem uma média de 13 anos para o ano de 2014 e 10,5 anos para o ano de 2015. Além disso, concluiu-se que 42% são do gênero masculino e 58% do gênero feminino.

Ainda é possível observar que todos os crianças atendidas na USE e participantes da pesquisa apresentam-se com diagnóstico de deficiência física, coincidentemente, apesar da instituição atender a outras deficiências, transtornos e etc.

2.6 Materiais e Instrumentos de coleta de dados

Foram utilizados os seguintes materiais para os encontros de orientação em grupo: materiais de papelaria para confecção de panfletos e materiais educativos (folhas de papel sulfite A4, computador e impressora); fotocópia de textos utilizados na discussão das temáticas, além de um caderno e caneta para o registro dos encontros por meio do diário de campo.

No primeiro encontro, foi realizada a explicação sobre o que o projeto se tratava, sobre os objetivos, benefícios e riscos que envolvia, entre outros. Cada participante foi chamada individualmente para que conversasse e tirasse as dúvidas. Assim, as participantes que aceitaram participar da pesquisa, receberam o termo de consentimento para assinar e preencheram o questionário inicial (descrito no item 2.7.1).

Após as informações selecionadas a partir do questionário inicial (APÊNDICE A), as professoras e a pesquisadora elaboraram materiais (folhetos informativos) para nortear as discussões e os encontros de orientação com as participantes. A cada encontro, as participantes recebiam algum(uns) folhetos informativos (APÊNDICES F ao O) com temáticas pertinentes aos temas tratados anteriormente ou com novas demandas de assunto que a pesquisadora e as professoras coordenadoras da pesquisa consideravam pertinentes ao momento de discussão.

As reuniões foram organizadas e ministradas pelas professoras e pela pesquisadora e foram registradas por meio de um diário de campo que foi feito pela pesquisadora, onde anotava os comentários e considerações das participantes. Assim, em seguida, classificava cada sessão quanto a três categorias:

- Recepção das participantes: temas e dúvidas que surgiram mediante à demanda que as participantes haviam trazido de acontecimentos da rotina, durante os dias anteriores ao encontro de orientação.
- Desenvolvimento do tema proposto: leitura e discussão sobre o tema levado pela pesquisadora e professora(s), além do esclarecimento de dúvidas sobre o mesmo, caso houvesse.
- Outras temáticas: temas e dúvidas que surgiram ao longo da discussão do encontro de orientação; dúvidas que as participantes haviam trazido de casa solicitando informação mais detalhada; assuntos decorrentes de outros temas.

Quando chegou o dia do último encontro, as participantes preencheram o questionário final (APÊNDICE B) que se compunha por um *check-list* sobre as temáticas e informações que foram desenvolvidas ao longo dos encontros do ano. As participantes avaliaram as temáticas e seu desenvolvimento quanto ao que havia sido discutido e trazido para as reuniões de orientação.

2.7 Procedimentos de Coleta de Dados

As atividades foram conduzidas pela pesquisadora e por duas professoras do curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, no ano de 2014. Em 2015, somente uma das professoras continuou no projeto e conduziu o estudo juntamente com a pesquisadora. Os

encontros foram previamente agendados com as participantes ao início do período anual do projeto e registrados pela pesquisadora por meio de diários de campo.

2.7.1 Primeira Etapa – Aplicação do Questionário Inicial

Primeiramente foi realizada a aplicação de um questionário inicial com o objetivo de caracterizar os acompanhantes e de buscar subsídios das necessidades que gerariam os temas pertinentes para discussão e orientação dos acompanhantes. O objetivo, assim, foi evidenciar e intervir sobre os temas de interesse dos participantes, além de esclarecer suas possíveis dúvidas. O questionário inicial utilizado foi criado pelas professoras e pela aluna envolvida baseado no instrumento “Questionário Preliminar” e o “Roteiro para Sistematizar Prioridades de Treino” do Inventário Portage Operacionalizado (WILLIAMS; AIELLO, 2001).

2.7.2 Segunda Etapa - Condução das Reuniões de Orientação

As professoras e a aluna combinaram em deixar a discussão livre para que fossem surgindo temas de interesse das participantes. Várias vezes os temas surgiam por conexão a outros temas que estavam sendo discutidos nos grupos e isso também serviu de feedback para que pudessemos entender se os encontros estavam sendo positivos para as participantes. Houve vezes em que a demanda de um tema não surgiu das participantes e, assim, foi necessário pesquisar outro tema que seria interessante para discussão com o grupo.

Além disso, a cada encontro, a pesquisadora e as professoras mantiveram-se atentas para encorajar as participantes positivamente diante das descrições e análises dos seus comportamentos/desenvolvimento da criança atendida, enfatizando que são capazes de conduzir e promover o desenvolvimento de seu filho, destacando as potencialidades de cada um; ressaltando, nas situações de rotina diária, a importância de incentivar os comportamentos adequados e, por outro lado, impor limites para os comportamentos inadequados (PARDO; CARVALHO, 2012; BIASOLI-ALVES, 2005).

Também cabe destacar que procuramos informar, quando já sabíamos, a temática a ser abordada no encontro seguinte, permitindo o preparo dos

participantes e favorecendo as discussões (BIASOLI-ALVES, 2005). Nos casos em que houve necessidade, foi solicitado aos pais a observação e descrição de comportamentos em diferentes ambientes que a criança frequenta e possíveis fatores que podem afetar direta e indiretamente a ocorrência do comportamento.

Para condução dos grupos foram preparados panfletos informativos e ilustrativos referentes à cada temática de cada encontro, envolvendo dicas, leis, textos e estudos de casos.

2.7.3 Terceira Etapa – Aplicação de Questionário com Modelo *check-list* para Avaliação das Reuniões

No último encontro foi realizado a aplicação de um questionário final com os participantes, com o objetivo de verificar as possíveis contribuições do grupo de orientação para o filho, para a família e para ele próprio. Nessa ocasião, foram levantadas as dificuldades e os benefícios experienciados durante os encontros e solicitadas sugestões para melhoria de futuros grupos.

2.8 Análise dos dados

A análise foi feita a partir da produção dos conteúdos abordados e discutidos em cada encontro por meio da análise de conteúdo. Além das discussões e contribuições trazidas para os encontros, analisando e evidenciando as informações de cada sessão, destacando cada contribuição e questionamento de cada participante.

Além disso, os questionários foram essenciais para a avaliação do projeto por validação social, onde buscou-se fazer a análise do efeito e aceitação dos temas e discussões por meio do *feedback* feito pelas participantes. Todos os dados foram reelaborados em forma de Gráficos e Quadros e apresentam-se nos resultados desta pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

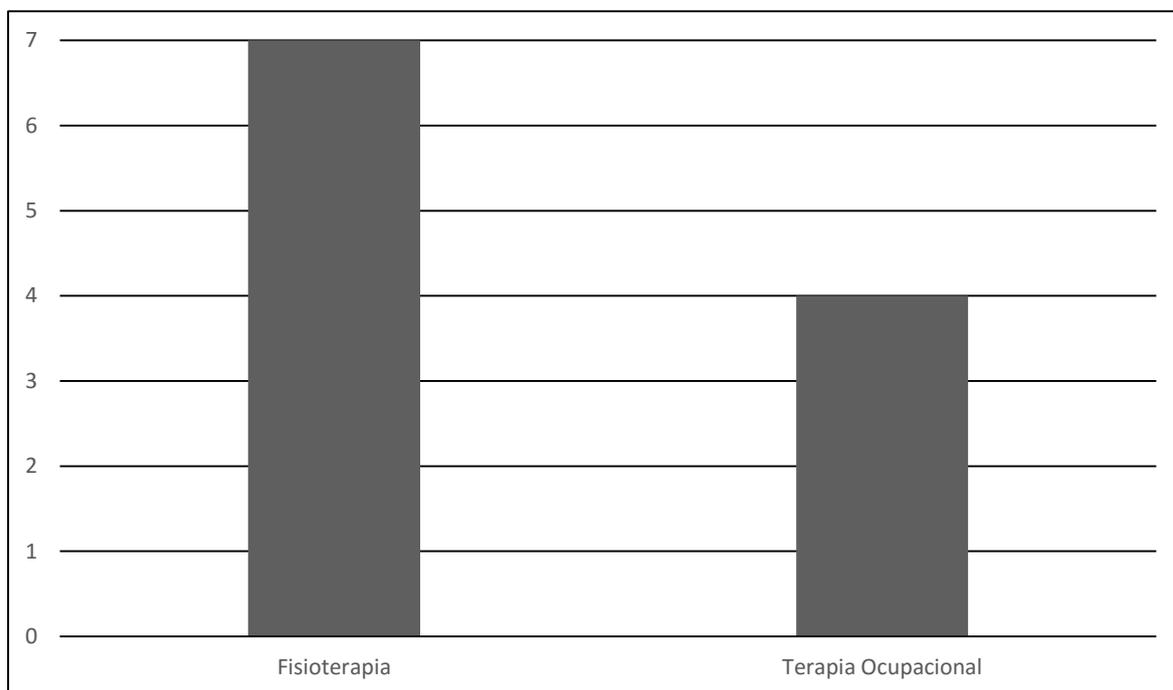
3.1 Análise do Questionário Inicial

Para análise do questionário inicial, estipulou-se categorias de acordo com os dados coletados no mesmo, esclarecendo informações sobre a rotina da criança, sua independência, o nível de apoio e a perspectiva da família com relação à mesma. Tais categorias estão elencadas abaixo nos tópicos de 3.1.1 à 3.1.5 e expressam as respostas dadas pelas participantes do ano de 2014 e do ano de 2015.

3.1.1 atendimentos da área da saúde realizados pelos filhos

Quanto aos atendimentos realizados pelas crianças na Unidade Saúde Escola:

Gráfico 1 – Atendimentos Realizados Pelas Crianças Participantes na Unidade Saúde Escola.



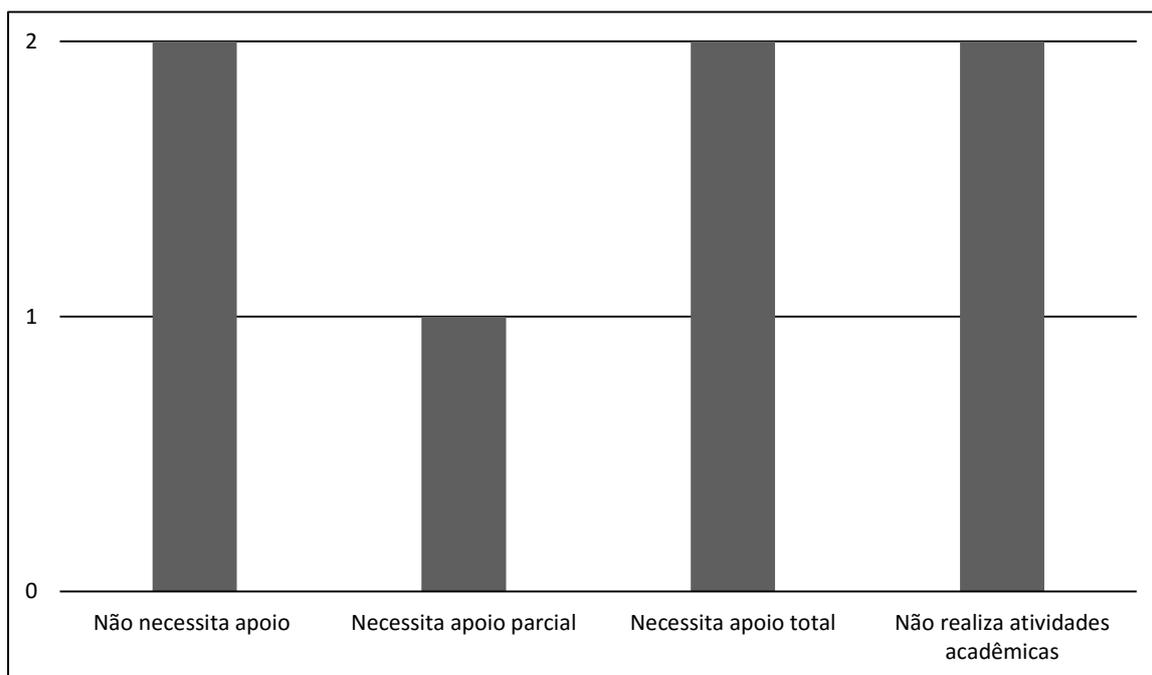
Fonte: Elaboração Própria.

No gráfico 1 é possível observar que todas as crianças recebem o atendimento da fisioterapia, enquanto 4 delas recebem também, em paralelo, o atendimento de terapia ocupacional.

3.1.2 Desempenho acadêmico do filho: nível de apoio para realização das atividades acadêmicas.

Quanto ao nível de apoio das participantes para a realização de atividades acadêmicas dos filhos:

Gráfico 2 - Percentual de apoio que a criança recebe na realização de atividades acadêmicas.



Fonte: Elaboração Própria.

De acordo com o Gráfico acima, observa-se que apenas 2 das 7 crianças atendidas não necessita de apoio para a realização de atividades acadêmicas. O restante necessita de apoio (total ou parcial) ou não realiza as mesmas.

Segundo as autoras Padua e Rodrigues (2013), as relações interpessoais positivas, portanto, se relacionam com a capacidade da família de oferecer à criança oportunidade de observar e incorporar-se em atividades que sejam estimulantes ao seu desenvolvimento, com pessoas que possam ensinar de maneira independente e autônoma, e também proporcionar uma relação emocional positiva, sanando seus cuidados e necessidades básicas em todos os sentidos.

Além da família e do apoio da pessoas que participam ativamente da realização das atividades acadêmicas com a criança, existem outros tipos de apoio que podem ser solicitados e buscados pela família, como o caso do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a estimulação precoce:

O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência

na escola e fora dela.(...) Ao longo de todo o processo de escolarização, esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum. (BRASIL, 2008, p. 16)

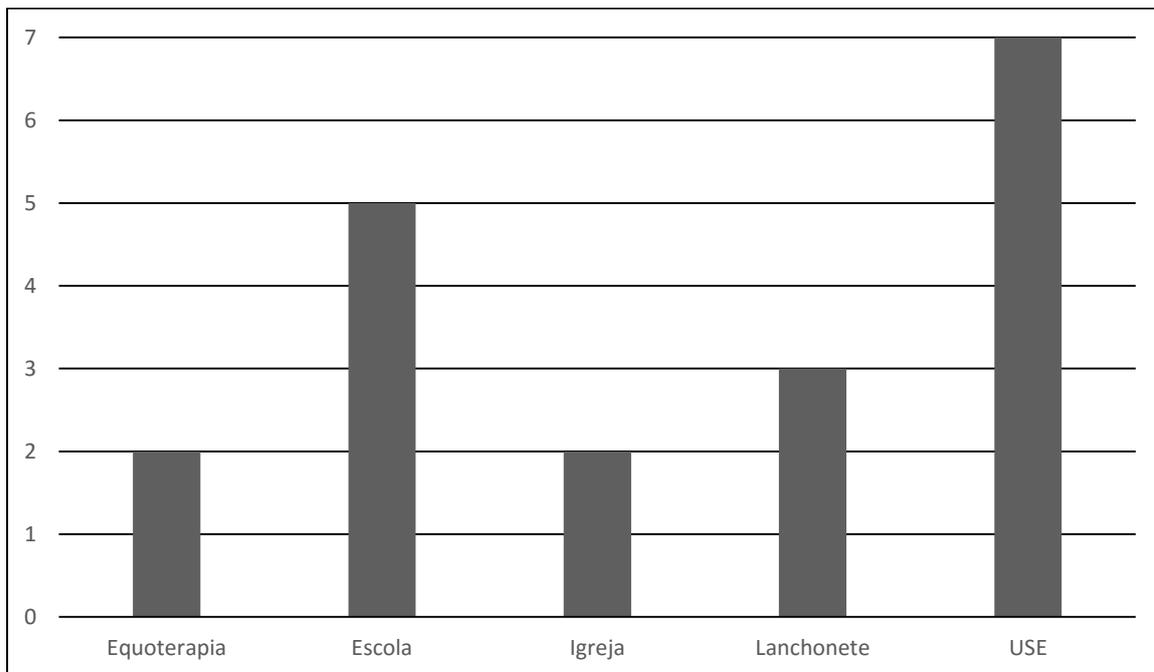
A estimulação precoce é entendida por:

Conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos e ambientais incentivadores que são destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo. (BRASIL, 1995, p.11)

3.1.3 Rotina e atividades de vida diária dos filhos

O Gráfico 3 apresenta as atividades de rotina estabelecida, principalmente indicando os lugares em que a criança frequenta.

Gráfico 3 - Atividades de rotina da vida da criança.



Fonte: Elaboração Própria.

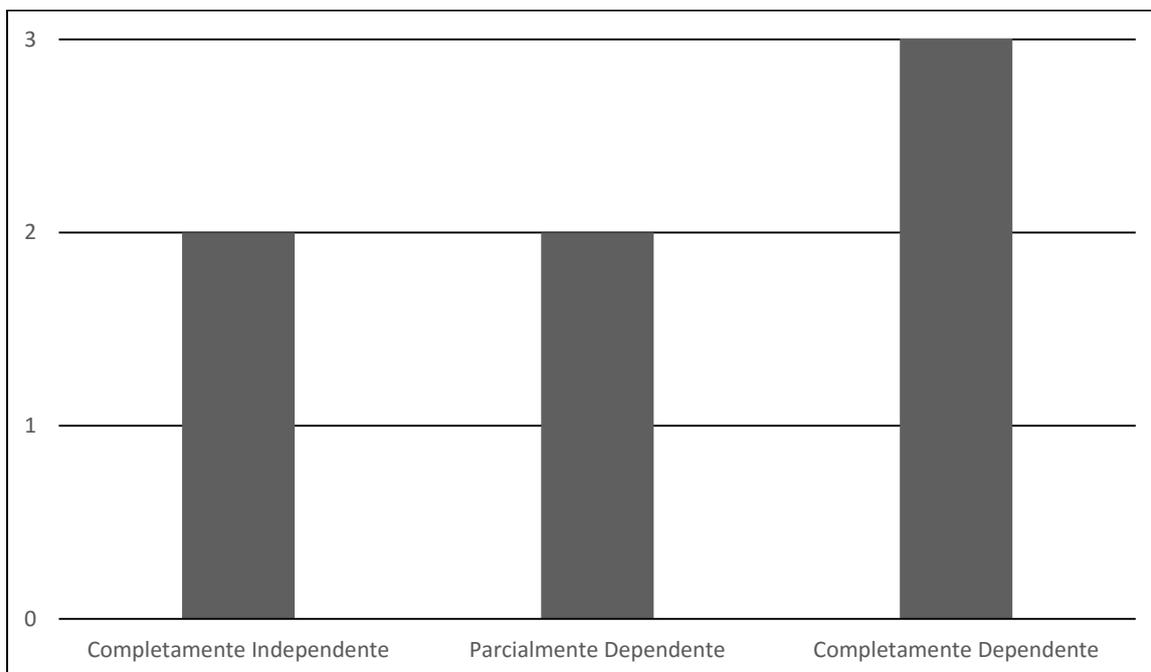
Ao observar o Gráfico 3, conclui-se que a criança está incluída nas mais diversas atividades que a família faz e nas atividades que envolvem seu aprendizado e desenvolvimento (escola, por exemplo). Durante os relatos das sessões foi possível observar também que as atividades das crianças que relacionam-se ao seu desenvolvimento: escola, USE e equoterapia são sempre acompanhadas pelas mães, conforme foi respondido pelas participantes no questionário.

3.1.4 Nível de independência dos filhos

O nível de dependência da criança foi classificado de acordo com o relato das participantes quanto aos seguintes tópicos gerais:

o Mobilidade.

Gráfico 4 – Independência na locomoção.



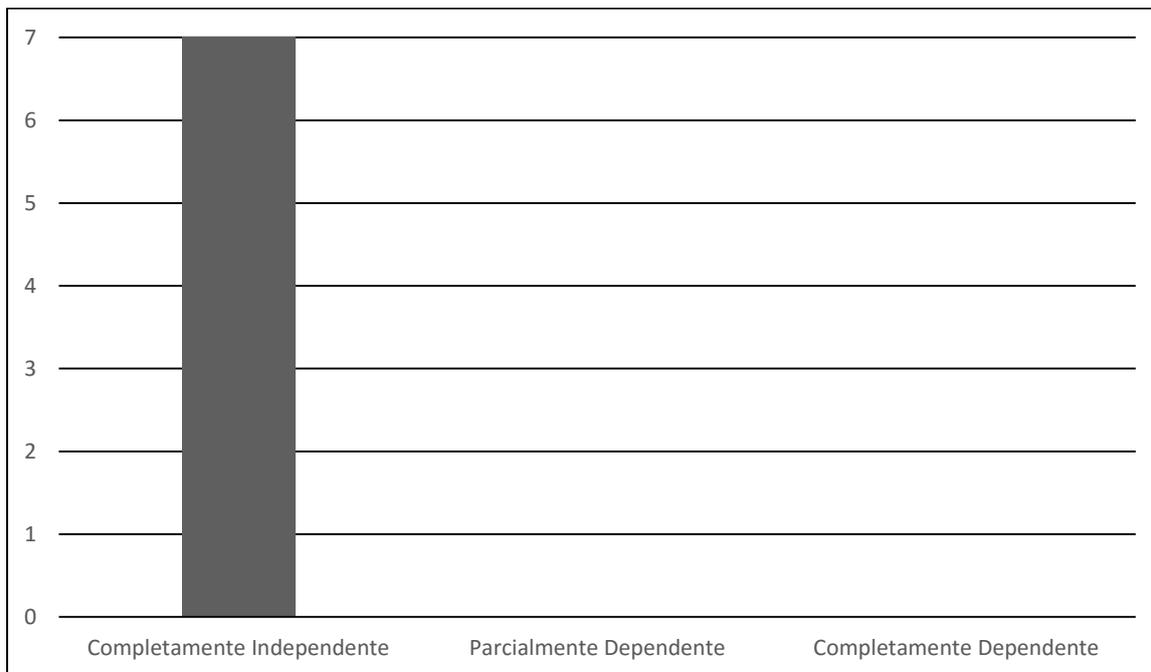
Fonte: Elaboração Própria.

De acordo com o Gráfico 4, conclui-se que apenas 2 das crianças não necessitam de ajudas técnicas, de recursos como equipamentos ou de um adulto para se locomover. As outras 2 precisam de auxílio de cadeira de rodas motorizada e equipamentos/dispositivos, enquanto as últimas 3 necessitam de aparelhos e ajuda física de um adulto.

A conquista da autonomia da criança, a medida com que se desenvolve, física, mental e emocionalmente, deve ser considerada como um grande momento de realização para a família, uma vez que demonstra o crescimento de todos, como apontado por Naletto e Faleiros (2013).

o **Comunicação.**

Gráfico 5 – Independência na comunicação.



Fonte: Elaboração Própria.

De acordo com o Gráfico 5, conclui-se que todas as crianças (n=7) atendidas na Unidade Saúde Escola e selecionadas para esta pesquisa comunicam-se sozinhas, sem que haja a necessidade de comunicação alternativa ou outra.

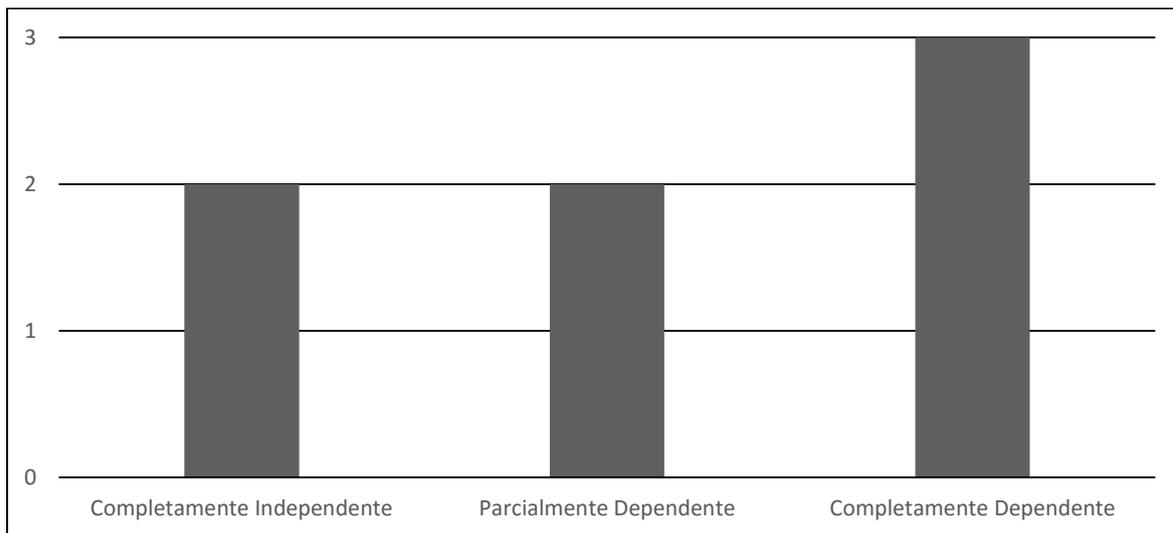
No entanto, ao longo das reuniões de orientação, foi possível observar, através do relato de uma participante, que uma das crianças atendidas na USE faz o uso da comunicação alternativa (CA) como forma suplementar de se comunicar na escola e em casa. Apesar disso, o dado foi contabilizado no Gráfico de acordo com o que a participante respondeu.

Para Tetzchner e Martinsen (2002), a CA é uma forma de comunicação diferente da fala e usada por um indivíduo em contextos de comunicação frente a frente. Signos gestuais e gráficos, a escrita e outros são formas alternativas de comunicação para serem utilizadas por indivíduos que carecem da capacidade de falar.

A comunicação estabelece a autonomia da criança e deve ser trabalhada desde os primeiros momentos da mesma. Cabe nesta estimulação as relações interpessoais, a estimulação precoce, as interações sociais em creches e escolas.

o **AVDs.**

Gráfico 6 – Independência na realização de Atividades de Vida Diária (AVDs).



Fonte: Elaboração Própria.

De acordo com o Gráfico 6, nota-se que a maioria das crianças atendidas na USE apresenta-se como completamente dependente de um adulto para as atividades de vida diária como higiene, alimentação e necessidades básicas. Enquanto isso, 2 apresentam-se como parcialmente dependentes, conseguindo realizar algumas das atividades sem ajuda e 2 completamente dependentes, não necessitando da ajuda de nenhum adulto.

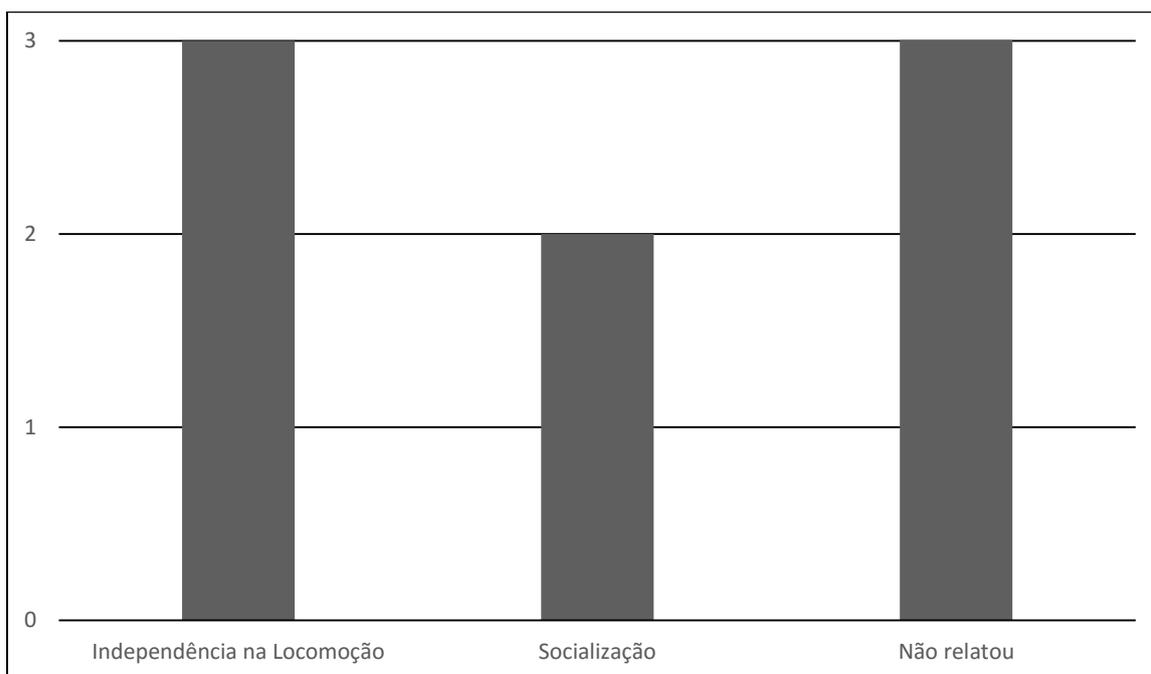
Dessen e Silva (2001) apontam a importante relação entre o desenvolvimento da criança e o ambiente:

Dada a importância do ambiente para o desenvolvimento da criança, tanto “normal” quanto “deficiente”, no que tange à organização de suas atividades de vida diária e ao processo de estimulação, torna-se fundamental compreender como o ambiente influencia o desenvolvimento das crianças, principalmente daquelas que apresentam algum tipo de deficiência. (DESSEN; SILVA, 2001, p. 139)

3.1.5 Perspectiva familiar para o desenvolvimento do filho

As participantes indicaram uma perspectiva do que desejam que as crianças aprendam e tornem-se independentes em alguns pontos, como pode ser observado no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Itens de desejo das participantes para os filhos realizarem independentemente.



Fonte: Elaboração Própria.

De acordo com o Gráfico 7, pode-se concluir que a maior parte das participantes visa a independência na locomoção dos filhos uma vez que isto pode ser apontado considerado como principal para tal, uma vez que demanda muito esforço e dedicação das participantes em suprir tal dependência. Seguido deste, o outro ponto levantado pelas participantes como objetivo de ser ensinado ao filho refere-se à socialização.

Arelhano e Funes (s.d.) afirmam que há a percepção de que muitas pessoas não têm autonomia, segurança e confiança para se locomover por conta da falta de planejamento arquitetônico nas cidades. Ainda afirma que tais barreiras arquitetônicas não estão voltadas para a independência das pessoas e para a igualdade social.

Ainda há necessidade de se avaliar se existem barreiras físicas no lar e outros ambientes que a pessoa com deficiência frequenta. Tal fator envolve uma série de pontos que podem dificultar ou impedir a autonomia da pessoa com relação à locomoção. A condição socioeconômica, emocional e adaptacional da família também estão diretamente ligadas ao sucesso de superação de tais barreiras.

3.2 Análise do Diário de Campo

A partir das informações acumuladas ao longo dos encontros de orientação com a presença das participantes anteriormente descritas, foi possível obter algumas informações sobre as sessões e sobre os dias em que não houveram por outros motivos alheios à pesquisadora. Os Quadros 8 e 9 apresentam tais informações.

Quadro 8 – Detalhamento dos dias previstos para os encontros de orientação do ano de 2014.

Data	Ação	Descrição	Número De Participantes
26/maio/2014	Sessão 1A	Preenchimento do Termo de Consentimento e do Questionário Inicial.	7
02/junho/2014	Sessão 2A	Interação Social/ Tarefa de casa.	3
16/junho/2014	Sessões 3A/4A	Alfabetização/ Estudo da criança.	4
30/junho/2014	Não houve sessão	Ausência das participantes.	0
25/agosto/2014	Sessões 5A/6A	Interação família e escola/ Importância do trabalho em grupo.	3
08/setembro/2014	Sessões 7A/8A	Mudanças na vida da criança.	5
22/setembro/2014	Sessões 9A/10A	Leis sobre a garantia da educação e de transporte escolar gratuitos.	5
06/outubro/2014	Não houve sessão	Não houve atendimentos na USE	0
20/outubro/2014	Sessões 11A/12A	Tutela/Curatela/Interdição.	4
10/novembro/2014	Sessão 13A	Preenchimento do Questionário Final	5

Fonte: Elaboração Própria.

É possível observar, no Quadro 8, que em apenas um dos dias em que houve encontro de orientação todas as participantes estiveram presentes (n=7). O restante dos encontros foram divididos em três dias com 5 participantes, dois dias com 4 participantes e dois dias com 3 participantes.

Quadro 9 – Detalhamento dos dias previstos para os encontros de orientação do ano de 2015.

Data	Ação	Descrição	Número de Participantes
30/abril/2015	Levantamento de novos participantes	A pesquisadora compareceu à USE para fazer o levantamento de novos possíveis participantes	0
07/maio/2015	Sessão 1B/2B	Preenchimento do Termo de Consentimento e do Questionário Inicial/ Estudo de Caso.	4
21/maio/2015	Sessões 3B/4B	Bullying/Sexualidade.	4
11/junho/2015	Sessão 5B	Separação dos pais da criança.	2
25/junho/2015	Sessão 6B	Dúvidas da participante/Como ajudar a criança em casa.	1
02/julho/2015	Não houve sessão	Ausência das participantes	0

Fonte: Elaboração Própria.

Observando o Quadro 9, nota-se que em dois dos quatro dias em que houve sessão todas as participantes (n=4) estavam presentes. Nos outros dois dias, o número de participantes foi 2 e 1 participante respectivamente.

Alguns dos dias previamente escolhidos para os encontros de orientação não tiveram sessões por conta da ausência das participantes e/ou por conta de assuntos internos da Unidade Saúde Escola.

3.2.1 Sessões de Atendimento do Ano de 2014.

Os Quadros de 10 a 22 trazem informações sobre as sessões (reuniões de orientação), horário de atendimento, materiais utilizados, quantidade de participantes por encontro e temas discutidos em cada uma delas, referentes ao ano de 2014.

Quadro 10: Sessão 1A.

Sessão 1A: 26 de maio de 2014
Horário de atendimento: 8h-9h/9h-10h
Material Utilizado no atendimento: Questionário Inicial (Apêndice A) e Termo de Consentimento (Apêndice E)
Quantidade de participantes no atendimento: 7

Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Abordagem das possíveis participantes no projeto.	Explicação sobre os objetivos, benefícios e riscos do projeto. Preenchimento do Termo de Consentimento e do Questionário Inicial.	Não houve.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Após passarem pela reunião geral da USE e pelo curso de iniciação da Unidade, as professoras envolvidas e a pesquisadora compareceram à mesma neste dia para que pudessem abordar os acompanhantes das crianças presentes nos horários em que se dariam os encontros (segundas-feiras entre 8h-9h e 9h-10h da manhã). Foi necessário que ocupassem uma das salas do setor da criança/adolescente e chamassem um por um dos acompanhantes da sala de espera para que pudessem explicar e contar um pouco sobre o projeto e suas características.

Alguns dos acompanhantes alegaram ter problemas em participar por falta de tempo, compromissos no mesmo horário do atendimento da criança, entre outros. No entanto, cinco das sete pessoas que foram chamadas interessaram-se em participar do projeto e mostraram-se ansiosas com o mesmo, uma vez que relataram ter dúvidas no que se refere ao dia-a-dia da criança.

As participantes que aceitaram participar, preencheram e assinaram o Termo de Consentimento (Apêndice E), também assinados pelas professoras e, em seguida, responderam o Questionário Inicial (Apêndice A) que solicitava informações básicas para que as pesquisadoras pudessem nortear-se quanto ao que trariam para os encontro de orientação.

Quando todas as participantes haviam terminado de preencher, a pesquisadora e as professoras reuniram-se em uma sala para que estipulassem algumas metodologias para trabalharem com os grupos. Assim, decidiram que a cada encontro levariam um material com temática referente à demanda apresentada pelas mães (durante os encontros dos grupos) ou à algum tema pertinente (caso não houvesse demanda de temática).

Dessa forma, ficou estipulado que os encontros aconteceriam a cada quinze dias e que o material deveria ser elaborado anteriormente pela pesquisadora e enviado para que as professoras pudessem avaliá-lo antes que chegasse às participantes do projeto.

Quadro 11: Sessão 2A.

Sessão 2A: 2 de junho de 2014		
Horário de atendimento: 9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: -		
Quantidade de participantes no atendimento: 3		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Informações sobre a rotina da criança.	Interação social, tempo de estudo da criança, tarefas para casa.	Momento de estudo da criança; problemas como falta de tempo, espaço adequado e dificuldade dos pais em ajudar os filhos com tal atividade.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

O tema discutido com as participantes foi a rotina da criança, sobretudo sobre os assuntos escolares, como lidam com isso e quais dificuldades encontram. As professoras e a pesquisadora foram fazendo perguntas sobre a interação social, tempo de estudo, quantidade de atividades realizadas pela criança e sobre as tarefas (lição) de casa da criança.

Foi relatado pela participante P1 que, em sua casa, há um horário fixo para ajudar a criança a estudar e realizar as lições de casa, que é sempre após o banho e o jantar, sendo terminadas no outro dia de manhã, quando não há tempo de acabar a noite. Relatou, ainda, que, apesar das respostas virem da filha, é ela que as escreve no caderno pois a criança apresenta escrita lenta. P1 ainda relatou que a criança tem uma facilidade para mexer no computador (instrumento de escrita em sala de aula pela aluna, na maioria das aulas) e para auxiliar o irmão mais novo nas lições dele.

Lavezzo (2012) ressalta a importância da lição de casa quando afirma:

Quando a lição de casa vira um hábito, sendo realizada todos os dias, o aluno obtém um desempenho melhor em sala de aula e, conseqüentemente, a nota aumenta. A tarefa é essencial para o estudante que, além de se desenvolver psicologicamente, acaba criando uma rotina e se tornando uma pessoa mais organizada. O dever de casa auxilia o estudante a guardar o ensinamento que foi passado em sala de aula, aumentando o entendimento do tema. (p.16)

A participante P4 apresentou-se mais calada que P1 mas, mesmo assim, relatou que o filho frequenta um reforço escolar, uma vez que ela não consegue ajudar o filho a terminar a lição na maioria das vezes por falta de tempo.

Foi relatado por P3 que o filho, com ensino fundamental completo, não frequenta mais a escola por conta do descaso dos professores anteriores com a alfabetização defasado do mesmo. O aluno formou-se na 8ª série e não conseguiu aprender a ler e escrever, sendo então auxiliado pela mãe em casa através do software “O Coelho Sabido”. P3 relatou para o grupo que o filho estava querendo voltar a estudar, motivado pela vontade de trabalhar e socializar e foi estimulada pelas professoras a matricular o mesmo em alguma escola para tal fim.

Quadro 12: Sessão 3A.

Sessão 3A: 16 de junho de 2014		
Horário de atendimento: 8h-9h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 1 (Apêndice F)		
Quantidade de participantes no atendimento: 2		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Retomada dos temas “Aprendizagem”, “Escola” e “Tarefas Escolares” pelas professoras e pela pesquisadora.	Alfabetização e momento de estudo da criança.	Falta de preparo da escola em lidar com a deficiência da criança.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

P2 contou as professoras que não considerava a escola preparada para receber sua filha já que demorou um grande tempo para as professoras da mesma perceberem que ela tinha algum “problema”. Além disso, P2 contou para o grupo que a filha está desmotivada em ir para a escola devido à falta de amizades e ajuda nas dificuldades que apresenta.

As dicas (Apêndice F) foram entregues para todas e lidas pela pesquisadora para que todas as participantes e as professoras pudessem acompanhar. Em seguida, foram discutidos pontos trazidos pelo folheto no que refere-se ao momento de alfabetização e ao momento de estudo da criança.

A participante P1 ressaltou que sempre tem que cobrar da escola algumas medidas necessárias (que já deveriam ter sido tomadas) para o desenvolvimento acadêmico da filha e reclamou sobre a falta de uso dos recursos que a escola pode oferecer para a melhor aprendizagem dos alunos. Colocou que a escola não conta com professores capacitados para lidar com a necessidade de sua filha e contou que teve que adaptar recursos e mandá-los para a escola para uso da filha.

Há uma necessidade da escola se adaptar para que possa receber os alunos com deficiência, isso inclui uma adaptação dos professores, funcionários, outros alunos e espaço escolar. De acordo com Braga:

A obrigatoriedade da matrícula dos alunos com necessidades educativas especiais em classe regular possibilitou o direito ao acesso à escola, que antes esta, não se achava preparada para recebê-los, e com isso os gestores, técnicos, docentes e pais puderam perceber que precisavam avançar no tempo e gerar oportunidades para aqueles que estiveram ao longo do tempo excluído do convívio da escola regular. (BRAGA, 2010, p.4).

Quadro 13: Sessão 4A.

Sessão 4A: 16 de junho de 2014
Horário de atendimento: 9h-10h
Material Utilizado no atendimento: Dicas 1 (Apêndice F)

Quantidade de participantes no atendimento: 2		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Houve a retomada dos temas “Aprendizagem”, “Escola” e “Tarefas Escolares” pelas professoras pela pesquisadora.	Alfabetização e momento de estudo da criança.	Atraso na alfabetização dos filhos (falta de adaptação). Falta de cuidadora.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

P5 reclamou da estabilização da alfabetização da filha na escola e na falta de uma cuidadora na mesma, uma vez que a escola liga para ela todas as vezes que a filha precisa trocar as fraldas. Além disso, a participante relatou que a filha faz uso de uma carteira adaptada que ela e o marido fizeram para que a mesma pudesse frequentar a escola, que também exigiu que a aluna saia mais cedo todos os dias.

A participante P3 recebeu orientações do grupo para que busque uma matrícula numa escola que ofereça a EJA (Educação de Jovens e Adultos) para o filho, a fim de aproveitar a motivação e a vontade do mesmo em aprender para que possa estabilizar-se com relação a alfabetização e arrumar um emprego, semelhante a familiares e amigos do mesmo.

De acordo com Lima e Silva (2013) a EJA é uma modalidade de ensino que destina-se à pessoas excluídas socialmente, marginalizadas, que não tiveram acesso à educação em idade “adequada” (ou que tiveram e não concluíram) e que buscam, na escola, uma oportunidade de melhoria da qualidade de vida, de igualdade social e de ascensão profissional.

O material (Apêndice F) foi entregue e lido juntamente com todas as participantes do grupo e discutido posteriormente pelas professoras que ressaltaram a importância da ajuda de uma pessoa, quando necessário, e a importância de saber respeitar as influências e estímulos dos filhos.

Sessão 5A: 25 de agosto de 2014		
Horário de atendimento: 8h-9h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 2 (Apêndice G)		
Quantidade de participantes no atendimento: 2		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Novos problemas e temas surgiram de acordo com o que as participantes vivenciaram durante o tempo em que estiveram longe da USE.	Interação família e escola/Importância do trabalho em grupo.	Problemas com o transporte escolar gratuito dos filhos.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Como havia sido preparado um material (Apêndice G) de acordo com a demanda que surgiu das mães no encontro do dia 16/junho, que acabou não sendo entregue pela ausência das participantes no encontro seguinte, as professoras e a pesquisadora consideraram que seria interessante levar o mesmo para que tais dúvidas fossem esclarecidas.

Com a volta das férias e a retomada dos grupos de orientação, alguns novos problemas e temas surgiram de acordo com o que as participantes vivenciaram durante o tempo em que estiveram longe da USE.

A filha da participante P1 teve que trocar de escola uma vez que a prefeitura da cidade alegou não fornecer mais o transporte gratuito para a qual ela estudava até então. Isso gerou insegurança na criança e dificuldades de adaptação (não usa mais o computador na sala de aula e há falhas na comunicação família/escola). A participante ainda relatou que não houve um encaminhamento de informações da antiga escola para a nova com relação à filha, o que está sendo feito por ela aos poucos, conforme a professora questiona.

Azaredo (2015) traz um relato sobre o primeiro dia numa escola para a criança, alegando que é uma tarefa difícil, necessitando que haja um tempo para adaptação da mesma e dos pais. Para os filhos que chegam em um ambiente novo, diferente e desconhecido. E para os pais que sofrem com o medo da reação da criança.

P2 relatou que a escola e o transporte continuam os mesmos do primeiro semestre, no entanto, explicou e evidenciou a insatisfação com a avaliação da filha feita pela escola (ressaltando apenas os pontos difíceis das alunas e não os de potencial). Indignou-se pelo fato da filha ainda não estar alfabetizada, mesmo estando no 8º ano e comentou que a escola tem apresentado muitas reclamações sobre a criança.

Quadro 15: Sessão 6A.

Sessão 6A: 25 de agosto de 2014		
Horário de atendimento: 9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 2 (Apêndice G)		
Quantidade de participantes no atendimento: 1		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Novos problemas/situações relatados pela participante com a retomada dos grupos de orientação.	Interação família e escola/Importância do trabalho em grupo.	Mudanças na vida da criança e como isso pode ser trabalhado.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

O material (Apêndice G) entregue às participantes neste dia referia-se ao material que havia sido preparado para o encontro anterior de acordo com a demanda que surgiu.

A participante P3 estava bastante abalada pois havia acabado de perder o marido (pai de C3) por conta de um falecimento inesperado. A mãe relatou

as dificuldades que estava enfrentando em lidar com tal fato e em ajudar o filho a fazer o mesmo. Descreveu os conflitos emocionais e confusos do filho, que ainda não entendeu completamente o que aconteceu e que não consegue mais dormir sem a presença da mãe por medo de perdê-la.

Diante da dificuldade que os humanos tem em aceitar a morte, muitas vezes, as pessoas evitam falar sobre. Sempre observa-se que os adultos protegem a criança da situação que envolve falar sobre a morte de um ente querido, como é ressaltado por Teixeira (2003).

As professoras envolvidas e a pesquisadora consolaram a mãe com o intuito de ajudar, no que podiam aconselhar, na superação de tal perda. A possibilidade de P3 colocar o filho numa escola foi novamente colocada e a mãe pareceu concordar que poderia ser uma opção boa para distração do filho e socialização.

Quadro 16: Sessão 7A.

Sessão 7A: 08 de setembro de 2014		
Horário de atendimento: 8h-9h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 3 (Apêndice H)		
Quantidade de participantes no atendimento: 2		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Relatos de dificuldades com as mudanças que tem ocorrido na vida das crianças (troca de escola, etc.)	Mudanças na vida da criança.	Problemas com o transporte e a garantia do mesmo para a vida escolar.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

A pesquisadora distribuiu os folhetos (Apêndice H) para as participantes e para as professoras para que pudesse ler e todas acompanhassem. Assim que terminou, as mães colocaram suas opiniões sobre o tema, relatando que qualquer mudança que os filhos tiveram que enfrentar na vida, refletiu diretamente no desempenho na escola e na mudança de humor.

As professoras ressaltaram a importância da conversa e apoio da família com a criança para que tudo seja feito de forma esclarecida, sem o objetivo de esconder ou mentir para a mesma. A conversa sincera e esclarecida para a criança mostra para ela que tem capacidade de lidar com a mudança que está ocorrendo e que os pais confiam nela a ponto de contarem com a ajuda dela na superação de tal.

A mãe P1, mais uma vez, trouxe para o grupo relatos das dificuldades enfrentadas pela filha com a mudança de escola e o desejo da mesma em retornar para a anterior. Ainda relatou problemas com o transporte da filha (atrasos e falta de monitor) e as faltas da mesma na escola por conta disso. As reclamações principais da participante foram:

- Busca, pelo transporte escolar, da aluna em casa (ida para a escola) e na escola (volta para casa) muito cedo.
- Não oferecimento de almoço.
- Não há monitoria de um responsável no transporte.
- Não há inspetora na escola ainda no horário que a aluna chega (cedo).

Foi sugerido para o grupo, em especial para P1, que não deixe a criança perceber os problemas enfrentados pela família no que refere-se à escola, uma vez que isso pode desmotivar a criança e é algo que pode ser contornado.

Com base nessa dificuldade com a educação inclusiva, Honnef afirma que:

a proposta de inclusão traz consigo a necessidade de mudanças no sistema educacional, mudanças de concepções e metodologias de ensino, as quais se mostram como desafios a serem superados para que se possa promover educação inclusiva de qualidade para todos, respeito à diferença e um desenvolvimento global a todos os alunos, atendendo suas especificidades no processo de ensinar e aprender (HONNEF, 2009, p. 8032).

Já a participante P2 relatou a impaciência da filha, que vem se tornando mais frequente, com as coisas que deseja que aconteçam no mesmo instante, se recusando a esperar e/ou fazer por conta própria, sempre gritando e ficando brava quando não as consegue. A mãe foi aconselhada quanto a isso para que faça tal comportamento ser extinto, explicando para a filha como as coisas realmente são e como se deve proceder, numa conversa aberta.

Quadro 17: Sessão 8A.

Sessão 8A: 08 de setembro de 2014		
Horário de atendimento: 9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 3 (Apêndice H)		
Quantidade de participantes no atendimento: 3		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Nenhum tema surgiu.	Mudanças na vida da criança.	Superação da perda de um familiar. Garantia do ensino para todas as idades.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Este grupo também começou com a leitura do folheto (Apêndice H) que foi entregue para todas as participantes que discutiram e descreveram situações em que as dicas oferecidas pelas professoras e pesquisadora se aplicavam.

Cada participante relatou algumas dificuldades e dúvidas a respeito do cotidiano com os filhos. P5 relatou que nos dias em que a filha frequenta a USE, sente-se mais cansada e recusa-se a andar. Além disso, relatou que observou a relação entre o “acordar cedo”, a “disposição” e a “vontade de andar” da mesma.

A mãe P3 afirmou que, apesar de ser difícil, a família inteira está se esforçando para superar com relação a perda de um dos membros (marido). A participante afirmou que os outros filhos tem ajudado C3 a superar a ausência do pai por meio de passeios, conversas e atitudes, o que o tem deixado mais animado e menos ansioso.

Cada momento na vida da criança é único e de aprendizagem. Só ela pode dizer o que sente diante de determinada situação e como vai reagir a isto, também, só cabe a ela. Assim, a necessidade da conversa aberta e clara com a mesma objetiva o crescimento e conhecimento próprio diante dos problemas, como apontado por Teixeira (2003):

Pais e outros adultos não devem excluir as crianças da experiência de perda como forma de poupá-las. Tal atitude poderá bloquear o processo de luto. Cada pessoa, cada criança vivenciará seu luto de muitas e variadas maneiras. (TEIXEIRA, 2003, s.p.).

P4 falou um pouco sobre as atividades em que o filho se engajou na escola (futebol, karatê e educação física) e que antes não participava. Falou também sobre o crescimento do filho e a órtese pequena, relatando que está no aguardo de um atendimento médico para o mesmo com o objetivo de troca de órtese e, possivelmente, uma cirurgia que melhore o caminhar do filho.

Quadro 18: Sessão 9A.

Sessão 9A: 22 de setembro de 2014		
Horário de atendimento: 8h-9h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 4 (Apêndice I)		
Quantidade de participantes no atendimento: 2		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Problemas na escola.	Leis sobre a garantia de educação e transporte escolar gratuito.	Importância do diálogo entre família e escola, como forma de superação dos problemas e dificuldades dos filhos de forma colaborativa.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Devido a problemas enfrentados pela participante P1 com o transporte da filha para a escola, julgou-se necessário trazer um material (Apêndice I) que tratasse dos direitos da mesma com relação a isso e, também, a educação em geral (LDB/96) para que possa reivindicar os mesmos, se houver necessidade.

As participantes P1 e P2 relataram que não sabiam da existência da Sala de Recursos para o contraturno e surpreenderam-se ao descobrir que as filhas tinham o direito de tais benefícios. P2 relatou que a filha ainda está com dificuldades na alfabetização e que a escola não respeita o tempo individual da mesma, que é mais lento que o dos outros alunos, além de não instruir os pais quanto as tarefas para casa.

De acordo com o site do Ministério da Educação, o objetivo da Sala de Recursos Multifuncional é:

Apoiar a organização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, prestado de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação matriculados em classes comuns do ensino regular, assegurando-lhes condições de acesso, participação e aprendizagem (BRASIL, 2007).

P1 reclamou também sobre as tarefas para casa que a filha traz da escola, alegando ser uma grande quantidade e não ter instrução sobre o que e como deve ser feito.

Foi sugerido para as participantes que façam mais o exercício de conversar com a escola, relatando esses problemas e, também, o que pode ser feito por elas para ajudar na aquisição de habilidades acadêmicas das alunas. O diálogo família/escola faz-se necessário para que o trabalho ocorra em parceria.

O documento do MEC, de 2010, ressalta a existência de estudos que efetivam a relação entre família/escola, buscando, entre outros objetivos, identificar os efeitos do envolvimento dos responsáveis na escolaridade dos filhos.

A presença e a participação dos responsáveis nas atividades escolares são cotidianas e acontecem além das instâncias formais. A relação entre responsáveis e profissionais da educação é cada vez mais individualizada, em favor não apenas do desenvolvimento intelectual da criança, mas de seu bem-estar emocional. (BRASIL, 2010, p. 26)

Quadro 19: Sessão 10A.

Sessão 10A: 22 de setembro de 2014		
Horário de atendimento: 9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 4 (Apêndice I)		
Quantidade de participantes no atendimento: 3		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Nenhum tema surgiu.	Leis sobre a garantia de educação e transporte escolar gratuito.	Tutela e Interdição.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

A leitura do folheto (Apêndice I) com as dicas repercutiu comentários diferentes e sobre outros temas nesse grupo. As mães (P5 e P4) relataram que os filhos frequentam o contraturno nas escolas em que estão matriculados e que, apesar dos filhos preferirem estar em sala regular junto aos colegas e não isoladamente nas Salas de Recursos Multifuncionais, também utilizam as adaptações feitas no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Houve o relato da participante P5 sobre ter sido chamada para compor o conselho de pais da escola em que a filha estuda. A mãe alegou sua participação e afirmou que entendeu melhor o lado da professora da filha que não tem muitos recursos e preparo e, por isso, não consegue atender a todas as necessidades dos alunos.

Já a participante P4 disse acreditar que a sala de aula necessita de uma professora auxiliar para que os alunos possam ter mais atenção. Disse que o filho raramente consegue copiar as coisas que a professora passa na lousa pois tem uma escrita mais lenta e a mesma sempre apaga antes que ele termine.

A participante P3 solicitou às professoras e pesquisadora que trouxessem algo que diz respeito à tutela e interdição do filho por conta das burocracias do inventário do pai (falecido recentemente) e se o filho teria direito de exercer sua própria opinião/assinatura. E, ainda, contou ao grupo que estava apenas

aguardando a confirmação de um transporte para que o filho seja matriculado na escola escolhida por ela (instituição especial voltada para o atendimento pedagógico e preparo de AVDs).

De acordo com a UNESCO (1989), na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, a criança/adolescente tem o direito de ser ouvida em procedimentos judiciais que lhe digam respeito.

Quadro 20: Sessão 11A.

Sessão 11A: 20 de outubro de 2014		
Horário de atendimento: 8h-9h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 5 (Apêndice J)		
Quantidade de participantes no atendimento: 2		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Persistência em problemas com o transporte escolar gratuito. Problemas com a pré-adolescência da filha.	Tutela/Curatela/Interdição.	Conversa sincera e aberta com os filhos sobre os problemas que possam vir a aparecer, com o objetivo de solucionar os problemas.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Apesar do material ter sido preparado para este dia de acordo com a demanda do outro grupo, as professoras e a pesquisadora acharam pertinente levar o mesmo tema/material para a discussão uma vez que tratava-se de um material que pode ser utilizado em diversos momentos que envolvam os direitos das crianças.

P1 continuou relatando a falta da filha na escola por conta de problemas com o transporte (quebrado) e mencionou que a filha tem urinado na roupa por conta da grande distância entre a sala de aula em que estuda e o banheiro e a falta de um responsável para auxiliá-la. Apesar dessas dificuldades, a mãe descreveu a facilidade que a filha tem encontrado em se locomover agora que

ganhou uma cadeira de rodas motorizada e a felicidade da mesma em conseguir realizar tal habilidade sozinha.

Sem que houvesse problema com o transporte, a mãe P2 relatou a ausência da filha na escola há mais de uma semana por influência de alguns fatores que fazem-na ter vergonha (menstruação, idade, bullying). A participante alegou ficar nervosa com os problemas que a filha está passando e contou que, na maioria das vezes, não insiste para a filha ir quando a mesma se recusa.

Segundo os autores Souza e Almeida (2011), o bullying é um forte fator de risco para comportamentos anti-sociais individuais geradores de violência na sociedade e deve ser investigado para a compreensão local e global da problemática da violência na escola e de suas implicações individuais e coletivas.

Mais uma vez, as orientadoras aconselharam sobre a conversa aberta e sincera entre família e escola com o objetivo de resolução de problemas.

Os temas e as dúvidas que as mães levaram para o encontro de orientação foram muitos, não sobrou tempo para que todas entrassem na leitura e discussão do material proposto (Apêndice J) para o dia. Assim, os folhetos foram entregues para que as participantes levassem para casa e consultassem se houvesse necessidade.

Quadro 21: Sessão 12A.

Sessão 12A: 20 de outubro de 2014		
Horário de atendimento: 9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 5 (Apêndice J)		
Quantidade de participantes no atendimento: 2		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Ansiedade para saber sobre o que haviam solicitado. Não houve nenhum relato de situações anteriores.	Tutela/Curatela/Interdição.	Não houve.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Como havia sido solicitado pela participante P3, foram entregues algumas perguntas e respostas sobre a tutela, interdição e curatela (Apêndice J). Cada participantes do grupo recebeu um folheto e, assim, todas leram e discutiram sobre o tema juntas.

A participante P5 contou sobre sua experiência com a compra de um carro adaptado, com isenção de impostos, no nome da filha, sem que houvesse a necessidade de um tutor, devido às condições apresentadas no folheto.

Após a leitura e discussão do tema, P3 afirmou entender que o caso para o qual precisava da assinatura do filho para participação na escritura da casa referia-se à curatela. Disse também que, por conta do processo de adoção do filho (quando o mesmo tinha 7 anos de idade), a presença do juiz para resolver os problemas do inventário da família causou insegurança no filho, que achou que podia perder a mãe também.

A mãe P3 também relatou que conseguiu o transporte para levar o filho na nova escola mas que, por conta de estar muito no final do ano, ele reiniciará os estudos apenas no começo do próximo ano.

Quadro 22: Sessão 13A.

Sessão 13A: 10 de novembro de 2014		
Horário de atendimento: 8h-9h/9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: Questionário Final (Apêndice B)		
Quantidade de participantes no atendimento: 5		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Nenhum relato surgiu.	Preenchimento do Questionário Final.	Não houve.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Como este era o último dia de encontro para orientação do ano de 2014, ficou estabelecido pelas professoras envolvidas e pela pesquisadora que seria aplicado o Questionário Final (Apêndice B) que elaboraram a fim de avaliar a efetividade e a aprovação dos encontros e materiais oferecidos ao longo do ano.

As participantes preencheram os mesmos individualmente e no tempo em que preferiram, sem que houvesse influências externas.

3.2.2 Sessões de Atendimento do Ano de 2015

Os Quadros de 23 a 28 trazem informações sobre as sessões (reuniões de orientação), horário de atendimento, materiais utilizados, quantidade de participantes por encontro e temas discutidos em cada uma delas, referentes ao ano de 2015.

Quadro 23: Sessão 1B.

Sessão 1B: 07 de maio de 2015		
Horário de atendimento: 8h-9h		
Material Utilizado no atendimento: Questionário Inicial (Apêndice A) + Termo de Consentimento (Apêndice E) + Dicas 6 (Apêndice K)		
Quantidade de participantes no atendimento: 1		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Explicação para a participante do projeto: os benefícios e riscos.	Preenchimento do Termo de Consentimento e do Questionário Inicial/Estudo de Caso.	Não houve.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Cumprindo as datas e os prazos estipulados para o projeto, o ano de 2015 também estava incluído na data de coleta de dados e orientação. Foi necessário, apenas, que a pesquisadora comparecesse à USE anteriormente para atualização de identificação e para informar-se sobre os novos possíveis participantes.

A professora e a pesquisadora entregaram e leram a folha que haviam levado com um Estudo de caso (Apêndice K), definido por Araújo (2008) como uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando

procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores.

A participante P6 relatou os cuidados que tem que ter com a neta (usuária atendida na USE) após o acidente que a mesma sofreu que a impossibilitou de realizar alguns movimentos corporais. Ressaltou que a mesma apresenta desenvolvimento cognitivo normal e que, segundo os médicos está se recuperando rápido, apresentando melhoras significativas.

Relatou, ainda, que usa a conversa com a criança como forma de fazê-la compreender a responsabilidade sobre as coisas e como forma de mostrar-se como apoio caso precise. Houve relatos com relação às Atividades de Vida Diária (AVDs) e a participante relatou que continua ajudando a neta na maioria delas.

Quadro 24: Sessão 2B.

Sessão 2B: 07 de maio de 2015
Horário de atendimento: 9h-10h
Material Utilizado no atendimento: Questionário Inicial (Apêndice A) + Termo de Consentimento (Apêndice E) + Dicas 6 (Apêndice K)
Quantidade de participantes no atendimento: 3

Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
<p>Retomada de algumas informações com duas das mães que já participavam dos encontros no ano passado.</p> <p>Levantamento de informações básicas com nova participante.</p>	<p>Preenchimento do Termo de Consentimento e do Questionário Inicial/ Estudo de Caso.</p>	<p>Como lidar com a masturbação, menstruação e o descobrimento da sexualidade?</p> <p>O que se deve fazer em situações de bullying?</p>

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

O preenchimento do Questionário Inicial (Apêndice A) e do Termo de Consentimento (Apêndice E) foi feito apenas pelas novas participantes, uma vez que as informações solicitadas são as mesmas que as do ano anterior (2014).

Após a leitura do Estudo de caso (Apêndice K) e pequena discussão sobre o mesmo, a professora e a pesquisadora abriram para que as participantes trouxessem um pouco sobre a rotina das crianças e do adolescente e que relatassem um pouco do que achavam pertinente.

A mãe P3 contou ao grupo que o filho entrou na escola especial de fato e que está matriculado em uma sala específica para alfabetização que conta apenas com 3 alunos. A participante ainda relatou que o filho continua inseguro sobre perder a mãe repentinamente (após morte do pai) e que tem enfrentado problemas quanto a sexualidade do mesmo, com relação à masturbação em público e suas sensações, mas que o aluno vem mostrando-se mais confiante e sociável.

A participante P1, que também já participava dos encontros no ano anterior relatou que, com a mudança de ano, a sala em que a filha estuda recebeu outra professora que tranquilizou a mãe, fazendo a concluir que o problema não estava 100% na escola. No entanto, a participante relatou que houve o recebimento de dois alunos com autismo na mesma classe e, assim, a filha ficou um pouco esquecida quanto à ajuda de professora e estagiários.

Segundo Carneiro (2008) há a necessidade de se “relevar” as dificuldades dos indivíduos com deficiência, uma vez que o sucesso escolar e a integração social são determinados pelas condições de vida dos mesmos, pelas dificuldades de vida e pelas produzidas pelas relações que se estabelecem.

Para terminar o grupo, neste dia, a participante P8 apresentou seu irmão e suas necessidades para o grupo. Relatou que o mesmo frequenta a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do município e a educação infantil na rede regular de ensino, frequentando também o Atendimento Educacional Especializado (AEE) nesta. A participante também relatou que o irmão tem sofrido bullying na escola de uma colega de sala por conta do preconceito dos pais da mesma.

Quadro 25: Sessão 3B.

Sessão 3B: 21 de maio de 2015		
Horário de atendimento: 8h-9h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 7 (Apêndice L)		
Quantidade de participantes no atendimento: 1		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Nenhum tema surgiu.	Bullying/Sexualidade.	Mudanças na vida da criança. Independência e autonomia da pessoa com deficiência.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

P7 relatou que está sempre observando a neta em seus comportamentos e consegue perceber sempre que há algo que a incomodou ou a prejudicou porque a mesma sempre muda de humor, fica abalada psicologicamente, etc. Disse que procura sempre conversar com a mesma sobre esses problemas, incluindo o bullying na escola, e que a neta sempre se mostra bastante compreensiva.

Observando a definição de Fante (2005), concluímos que o bullying trata-se de agredir uma vítima com abusos, por meio de constrangimento, ameaça, intimidação, discriminação e exclusão, objetivando apenas a humilhação, inferiorização e/ou dominação do outro.

A participante P7 ainda relatou que também cuida de uma outra pessoa com deficiência, que é sua cunhada (55 anos). Contou ao grupo que a mesma frequenta a APAE e que procura dar-lhe liberdade para que possa se desenvolver com um pouco sua autonomia, desde que isso não a coloque em risco.

Quadro 26: Sessão 4B.

Sessão 4B: 21 de maio de 2015		
Horário de atendimento: 9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 7 (Apêndice L)		
Quantidade de participantes no atendimento: 3		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Nenhum tema surgiu.	Bullying/Sexualidade.	Não houve.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

P3 considerou que as dicas levadas (Apêndice L) ao grupo foram de extrema importância para o problema que está enfrentando com seu filho (masturbação e descobrimento do corpo, no sentido sexual) e identificou algumas semelhanças em um caso que está acontecendo com o neto (bullying racial) na escola decorrente de brincadeira dos amigos. Colocou para as outras participantes a importância de preocupar-se com o que falar na frente dos filhos, uma vez que isso pode causar mal entendimento e problemas futuros.

Algumas dicas foram dadas pela professora e pesquisadora para a participante P8 com relação ao comportamento do irmão de morder as outras crianças na escola sempre que alguma coisa não sai do jeito que ele deseja. A participante ainda relatou que continua enfrentando o preconceito de algumas mães da escola com relação a seu irmão e disse que utilizaria as dicas daquele dia para melhorar isso.

A mãe P1 agradeceu as dicas sobre o processo de menstruação e disse que trata-se de uma assunto frequente nas perguntas da filha, que já tem algumas amigas na escola que já passaram pelo processo há pouco tempo.

De acordo com a tese de Silva, a família da criança com deficiência “necessita de uma maior atenção e encorajamento para cumprir as tarefas familiares, normativas e não normativas, do seu curso de vida.” (SILVA, 2011, p.1).

Quadro 27: Sessão 5B.

Sessão 5B: 11 de junho de 2015		
Horário de atendimento: 9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 8 (Apêndice M)		
Quantidade de participantes no atendimento: 2		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
Relatos sobre a utilização das dicas sobre Bullying e Masturbação entregues no encontro anterior.	Separação dos pais da criança.	Impacto de mudanças na rotina da criança.

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

Após a leitura das dicas (Apêndice M) relacionadas às questões de mudanças e separação de pais na vida da criança, a pesquisadora levantou alguns pontos que poderiam ser relacionados com o tema, como:

- Tempo individual de cada criança em lidar com mudanças.
- Efeito negativo que a falta de esclarecimentos sobre a separação dos pais pode trazer na vida escolar da criança.
 - Alienação Parental (situação em que a mãe ou o pai de uma criança a treina para romper os laços afetivos com o outro cônjuge, criando fortes sentimentos de ansiedade e temor em relação ao outro genitor).
- Entre outros.

A participante P3 disse ter preocupação excessiva com o filho, após a morte do marido, pela insegurança e medo que o mesmo adquiriu em perdê-la. O filho, desde tal ocorrido, não consegue dormir em seu próprio quarto e dorme junto à mãe todos os dias. A mãe ainda contou para o grupo que teve que sair de casa em um dos dias em que o filho estava na escola e não conseguiu voltar a tempo para recebê-lo do ônibus escolar, o que foi feito pela irmã e causou pânico no adolescente que achou que tivesse acontecido alguma coisa com a mãe por ela não estar ali.

A participante P8 perguntou sobre algumas coisas que poderia fazer para diminuir ou extinguir o comportamento do irmão em só dormir quando ela está presente e a pesquisadora e P3 falaram um pouco sobre como isso poderia ser melhorado também, aconselhando-a.

Cada momento e cada acontecimento na vida da criança repercutem de uma maneira única e individual. Cada comportamento (inadequado ou não) deve ser analisado como uma forma maior de se entender o que está gerando o mesmo e o que pode ser feito para que haja a extinção do mesmo, por meio de intervenções certas.

Quadro 28: Sessão 6B.

Sessão 6B: 25 de junho de 2015		
Horário de atendimento: 9h-10h		
Material Utilizado no atendimento: Dicas 9 (Apêndice N) + Dicas 10 (Apêndice O)		
Quantidade de participantes no atendimento: 1		
Recepção das participantes	Desenvolvimento do tema proposto	Outros temas
A participante alegou, antes mesmo da professora e pesquisadora entrarem na sala de atendimento, que precisava esclarecer algumas dúvidas sobre a	Como ajudar a criança em casa/Importância da reunião de pais.	Quais são os deveres da escola e quais são os do aluno?

escola/aprendizado da filha.		
------------------------------	--	--

Fonte: Elaboração Própria.

Descrição:

P1 disse estar preocupada com o método da escola em avaliar a filha, questionando se seria possível que a filha fosse avaliada oralmente pela professora. A professora e a pesquisadora foram ouvindo atentamente o que a mãe relatou e aconselharam-na no que julgaram certo. A mãe recebeu explicação sobre a prova oral e qual o efeito que a mesma poderia ter na vida escolar da filha.

A avaliação é um assunto polêmico e contraditório na escola, desde muito tempo. Independente do método, prática ou concepção do professor/escola, a ação de avaliar o aluno sempre reflete uma série de questionamentos e discussões. Chueiri traz uma definição da avaliação como prática:

Como prática formalmente organizada e sistematizada, a avaliação no contexto escolar realiza-se segundo objetivos escolares implícitos ou explícitos, que, por sua vez, refletem valores e normas sociais. (CHUEIRI, 2008, p. 51)

As orientadoras sugeriram outras formas de avaliação e atividades possíveis de serem executadas pela criança sem que perca a capacidade de alfabetização.

As orientadoras ainda ficaram para descobrir sobre o estágio na escola em que a filha estuda e descobrir quem serão as estagiárias da Universidade que poderão desenvolver um trabalho com a mesma, além de levar para a mãe, no próximo encontro, algumas dicas sobre isso (papel da escola).

3.3 Resultados do Questionário Final/Avaliação das reuniões.

Baseando-se nas respostas das participantes no questionário final foi possível estabelecer uma análise do *feedback* das mesmas a respeito da forma como foram conduzidas as reuniões de orientação (sessões) e qual a opinião das mesmas sobre os temas que foram discutidos com os grupos.

O Quadro 29 revela a opinião das participantes quanto às sete perguntas que foram colocadas no questionário final sobre o nível de satisfação em relação aos encontros realizados na USE.

Quadro 29: Número de respostas obtidas em cada questão no preenchimento do Questionário Final pelas participantes.

	INTEIRAMENTE INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM INSATISFEITO E NEM SATISFEITO	SATISFEITO	PLENAMENTE SATISFEITO
1. Você considera que os conteúdos trabalhados nos encontros foram importantes?	0	0	0	3	3
2. Os conteúdos abordados trouxeram ensinamentos positivos para você?	0	0	0	2	4
3. A forma com que os conteúdos foram abordados foram suficientes?	0	0	0	2	4
4. As trocas de informações entre os participantes foram suficientes?	0	0	0	2	4
5. A leitura do material de apoio foi suficiente?	0	0	0	2	4
6. Os folhetos informativos continham informações importantes?	0	0	0	2	4

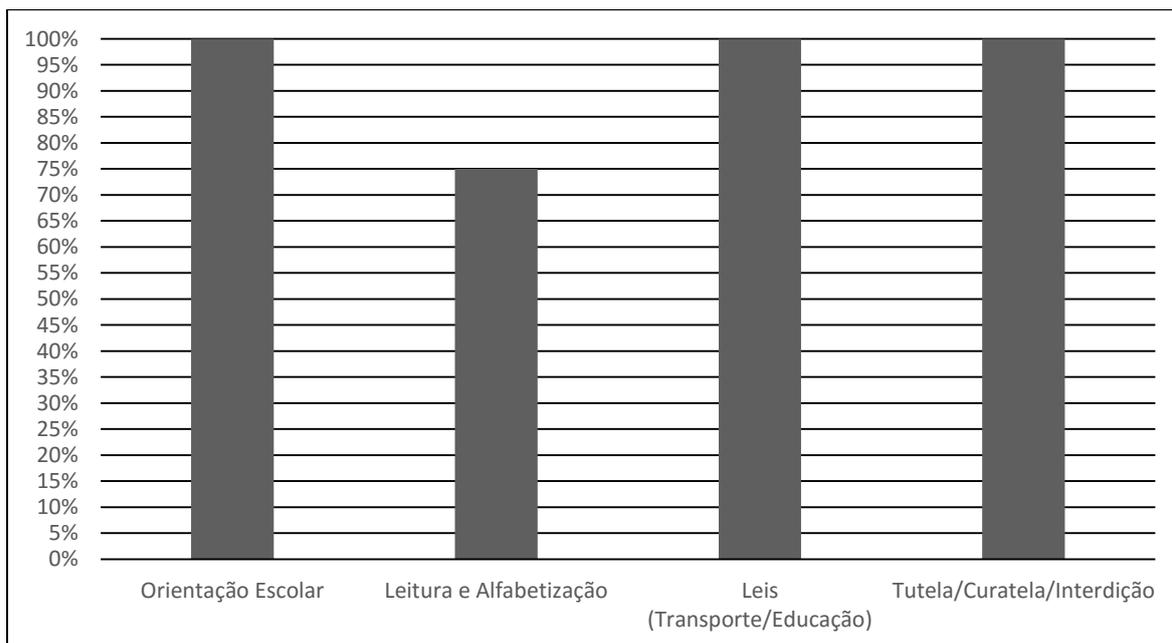
7. A forma que foi disposta as informações no folheto foi adequada?	0	0	0	2	4
---	---	---	---	---	---

Fonte: Elaboração Própria.

A partir do quadro 29 é possível concluir que a maioria das questões solicitadas para que as mães respondessem tiveram as respostas com 2 pessoas satisfeitas com o tema e 4 pessoas plenamente satisfeitas. As respostas INTEIRAMENTE INSATISFEITO, INSATISFEITO e NEM SATISFEITO E NEM INSATISFEITO não obtiveram numeração.

Com base nos temas discutidos no ano de 2014, o Gráfico 15 a seguir evidencia a aceitação de tais temáticas pelas participantes com relação às perguntas feitas no questionário final.

Gráfico 8 – Aprovação dos temas discutidos no ano de 2014.



Fonte: Elaboração Própria.

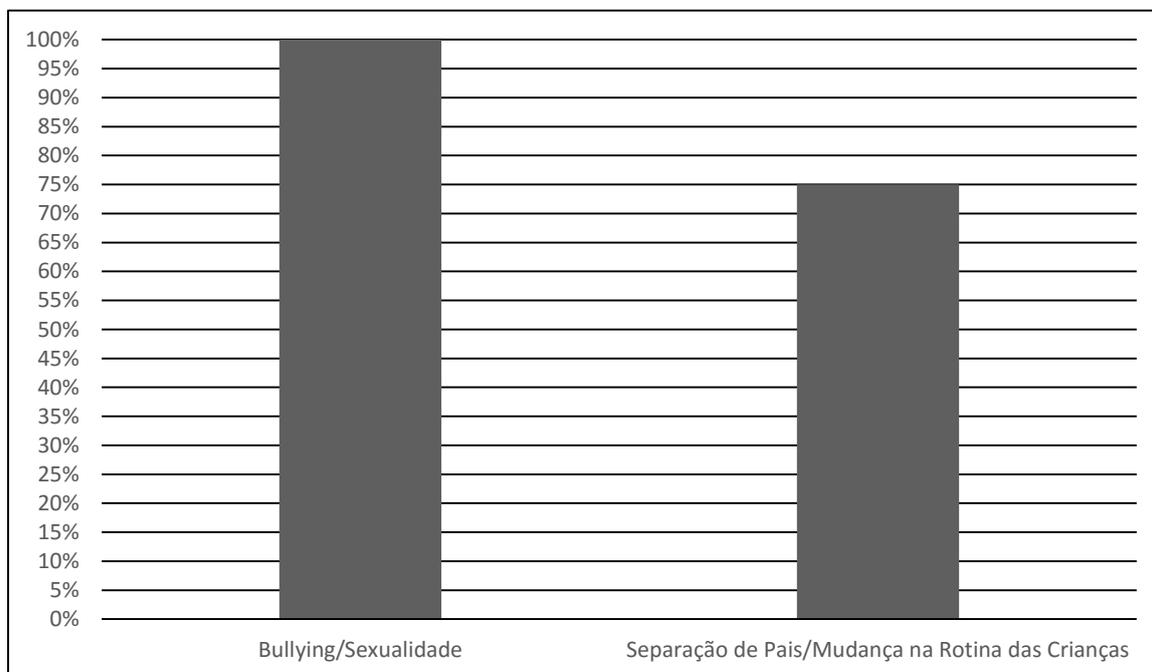
A partir do Gráfico 8, é possível observar que todas as participantes do ano de 2014 (5 participantes) responderam as questões quanto às temáticas em sua maioria com total aceitação a respeito dos encontros e sessões.

Para finalizar, com base nos temas discutidos no ano de 2015, o Gráfico 9 a seguir evidenciam a aceitação de tais temáticas pelas participantes com relação às perguntas feitas no questionário final.

Pardo e Carvalho (2011) apontam a necessidade de:

Criar situações em que pais, filhos e profissionais possam dialogar, trocar experiências, visando apoio mútuo para a tomada de decisões quanto aos caminhos e atitudes a serem adotadas no processo de educação de filhos no qual se encontram envolvidos. À medida que tais apoios estejam disponíveis, por iniciativa de profissionais ou de instituições, criam-se condições para fornecer orientações, informações e esclarecer dúvidas das famílias no que se refere à educação de filhos, assim como para contribuir com a prevenção de problemas que possam surgir. (PARDO; CARVALHO, 2011, p.93)

Gráfico 9 – Aprovação dos temas discutidos no ano de 2015.



Fonte: Elaboração Própria.

A partir do Gráfico 9, é possível observar que todas as participantes do ano de 2015 (n=4) responderam as questões quanto às temáticas e em uma das temáticas houve total aceitação a respeito dos encontros e sessões, enquanto a outra (separação dos pais e mudança na rotina das crianças) obteve 75% de aprovação pelas participantes.

Foi observado pela pesquisadora, durante a análise dos questionário, tanto os do ano de 2014, quanto nos do ano de 2015 que as questões e temáticas que obtiveram menos do que 100% de aprovação pelas mães referem-se às respostas que as mesmas deram em dias que não compareceram aos encontros. Dessa forma, ficaram sem participar das discussões de certas temáticas e, por isso, responderam não ter gostado ou não ter ficado plenamente satisfeita com o mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou a identificação de temas relevantes para serem abordados com familiares em sala de espera de uma unidade (USE) para atendimento de crianças e adolescentes realizado pelos alunos da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Os familiares foram assistidos pela pesquisadora e professoras envolvidas nos temas em que tinham dúvidas e passaram a ser vistos como agentes ativos no processo de desenvolvimento da criança com deficiência a fim de que as dificuldades encontradas pelos familiares fossem superadas.

A família representa importante papel para o desenvolvimento integral de criança com deficiência, pois é um ambiente social de maior permanência da mesma. Assim, cada orientação que foi dada e cada material entregue para as participantes buscou aprofundar as dúvidas e os questionamentos baseado em dicas e aconselhamentos fáceis de serem entendidos e executados.

O horário de atendimento das participantes foi estipulado em um momento que as mesmas estariam em um momento ocioso, na sala de espera da USE, e não em um horário que as atrapalhasse, o que foi essencial para a participação de tais.

Apesar dos resultados terem sido positivos, quase que em totalidade, cabe o destaque para as dificuldades enfrentadas. Não foram todos os participantes convidados que aceitaram participar dos encontros, os familiares do sexo masculino nem cogitaram a participação e algumas outras participantes, por não serem a mãe da criança, alegaram não estar ativamente envolvidas na rotina da mesma.

Como todas as participantes eram mulheres, pode-se considerar que os assuntos giravam, na maioria das vezes, em torno dos cuidados e da rotina da criança. Nem todas eram mães mas desempenhavam sempre papéis parecidos no que se refere às tarefas escolares, dúvidas do dia-a-dia e desenvolvimento.

Assim, considera-se que tal abordagem com os pais/acompanhantes das crianças atendidas em ambulatórios, hospitais e centros de intervenção é fundamental, seja feita por professores especializados, psicólogos, terapeutas, médicos, entre outros.

Ressalta-se ainda a necessidade de mais estudos que abordem a relação dos pais/acompanhantes com o orientador, numa relação de trocas mútuas de experiências e conhecimentos.

5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. et al. Estudo de Caso. Métodos de Investigação em Educação. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em <http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf> Acesso em 10/10/2014.

ARELHANO, M. V.; FUNES, G. P. F. M. A Pessoa Portadora de Deficiência e o Direito de Locomoção: o direito a um ambiente acessível. Online. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1351/1290>> Acesso em 13/11/2015.

AZAREDO, M. 10 respostas sobre adaptação escolar: Como agir (e como não agir) no período de adaptação na escola, uma fase tão importante na vida do seu filho. Educar para crescer: educação infantil. 20/01/2015. Online. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/adaptacao-escola-529211.shtml>> Acesso em 03/11/2015.

BERTHOUD, M. E.; BERGAMI, N. B. B. Família em fase de aquisição. In: Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1997.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Orientação de pais: partilhar conhecimentos sobre desenvolvimento e práticas de educação como estratégia de intervenção. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 14, n. Esp., p. 64-70, 2005.

BRASIL. A Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: <http://www.trt02.gov.br/geral/Tribunal2/Legis/CF88/CF88_Ind.html> Acesso em 28/10/2015.

_____. Diretrizes educacionais sobre estimulação precoce. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC, SEESP, 1995.

_____. Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9394/96. Ministério da Educação, Brasília-DF: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial. A família: Programa Educação Inclusiva Direito à Diversidade. Brasília: Ministério da Educação; 2004.

_____. HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006. 52 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Programa Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais. 2007. Online. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnpd/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/17430-programa-implantacao-de-salas-de-recursos-multifuncionais-novo>> Acesso em 03/11/2015.

_____. Secretaria da Educação Especial. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva, Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. Ministério da Educação (MEC). Interação Escola-Família: subsídios para práticas escolares. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4807-escola-familia-final&Itemid=30192> Acesso em 07/12/2015.

BROFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMPBELL, D.; PALM, G. F. (2004) Group parent education: Promoting parent learning and support. California: SagePublications.

CARNEIRO, MSC. Do ensino especial ao ensino regular: tentativas de integração escolar de alunos considerados portadores de necessidades educativas especiais. In ZANELLA, AV., et al., org. Psicologia e práticas sociais [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 163-172. ISBN: 978-85-99662-87-8. Disponível em: SciELO Books. Acesso em: 02/11/2015.

CHUEIRI, M.S.F. Concepções Sobre a Avaliação Escolar. In: Estudos em Avaliação Educacional, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.

FANTE, C. 2005. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª edição. Campinas. Editora Versus, 224 p.

FERREIRA, H. B. G. Aspectos familiares envolvidos no desenvolvimento de crianças com Paralisia Cerebral. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto, SP. Departamento de Medicina Social, Universidade de São Paulo, 2007.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Editora Record. 8ª ed. Rio de Janeiro. 2004.

GONDIM, K. M.; PINHEIRO, P. N. C.; CARVALHO, Z. M. F. Participação das mães no tratamento dos filhos com paralisia cerebral. Revista Rene, Fortaleza, v. 10, n. 4, p. 136-144, out./dez.2009.

HONNEF, C. As dificuldades dos professores frente à implementação de uma proposta educacional inclusiva. UFSM. 2009. Online. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2505_1973.pdf> Acesso em 13/11/2015.

HOROCHOVSKI, R. R. Empoderamento: definições e aplicações. Universidade Federal de Santa Catarina. 2006. Online. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3405&Itemid=232> Acesso em: 04/12/2015.

KENNEL, J. H. & MARSHALL, H. K. (1992). Pais/bebê: a formação do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 245

LAVEZZO, P. A Importância da Lição de Casa: tarefa deve ser realizada todos os dias. In: Revista ComuniQ. Ano VI, n. 59, Outubro, 2012. p.16.

LIMA, F.O.; SILVA, N.R. O Perfil dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos Hoje: tempos de inclusão. VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. 2013.

LOPES, G. B.; KATO, L. S.; CORREA, P. R.C. Os pais das crianças com deficiência: reflexões acerca da orientação em reabilitação motora. Psicologia teórico-prática. Online. 2002, vol.4, n.2, pp. 67-72.

MOURA, L.; VALÉRIO, N. A família da criança deficiente. Cad. de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 47-51, 2003.

NALETTO, A. L.; FALEIROS, L. C. Autonomia Infantil: um importante aprendizado. Centro Maiêutica de Psicologia Aplicada. 2013. Online. Disponível em: <<http://www.centromaieutica.com.br/textos/educacionais/AUTONOMIA%20INFANTIL%20UM%20IMPORTANTE%20APRENDIZADO.pdf>> Acesso em 13/11/2015.

OMOTE, S. Famílias de deficientes: estudos relatados em dissertações e teses. 1998. In: Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial. Londrina. Educação. UEL. P. 125-129.

PADUA, E. S. P.; RODRIGUES, L. Família e deficiência: reflexões sobre o papel do psicólogo no apoio aos familiares de pessoas com deficiência. VIII Encontro Da Associação Brasileira De Pesquisadores Em Educação Especial. 2013. Online. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT07-2013/AT07-028.pdf>> Acesso em 13/11/2015.

PARDO, M. B. L.; CARVALHO, M. M. S. B. Grupo de orientação de mães no contexto de uma clínica-escola. Paidéia, v. 21, n. 48, p. 93-100, 2011.

PARDO, M. B. L.; CARVALHO, M. M. S. B. Grupos de orientação de pais: estratégias para intervenção. Contextos Clínicos, v. 5, n. 2, p. 80-87, julho-dezembro 2012.

PEREIRA-SILVA, N. L. Famílias de crianças com e sem Síndrome de Down: um estudo comparativo das relações familiares. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

PÉREZ-RAMOS, A.M. de Q.; PÉREZ-RAMOS, J. Estimulação precoce: serviços, programas e currículos. 3. Ed. Brasília, DF: Ministério da Justiça/Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1996. 255p. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=pt&nextAction=lnk&exprSearch=139756&indexSearch=ID>> Acesso em 24/09/2015.

SA, S. M. P.; RABINOVICH, E. P. Compreendendo a família da criança com deficiência física. Rev. bras. Crescimento Desenvolvimento Humano. Online. 2006, vol.16, n.1, pp. 68-84.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, Maria Auxiliadora. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 133-141, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722001000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07/12/2015.

SILVA, N.C.B. Contexto familiar de crianças com Síndrome de Down: Interação e envolvimento paterno e materno. 2007. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2007.

SILVA, S. M. M.; COSTA, M. P. R. Brincar na família: orientação a pais ou cuidadores sobre as atividades estimuladoras. 2010. In: Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação da educação especial inclusiva. Araraquara, p. 415-430.

SILVA, S.C. Atenção à Família com Necessidades Especiais: Perspectivas de Gestores, Profissionais e Familiares. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde. Brasília. 2011. 274 p.

SOUZA, C.P de; ALMEIDA, L. C. P. de. Bullying em Ambiente Escolar. In: Enciclopedia Biosfera. Centro Científico Conhecer. Goiânia, vol. 7. n. 12. 2011. Disponível em <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/conbras1/bullying.pdf>> Acesso em 03/11/2015.

SOUZA, J. P. de. A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança. INESC – Instituto De Estudos Superiores Do Ceará. Pró-Reitoria De Educação Continuada. Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Fortaleza. 2012.

TEIXEIRA, C. M. F. S. - A criança diante da morte. Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/Bmorte.html> Acesso em 03/11/2015.

TETZCHNER, S., & MARTINSEN, H. Introdução à comunicação aumentativa e alternativa. 2002. Porto: Porto Editora.

UNESCO. Convenção sobre os Direitos da Criança. 1989. Online. Disponível em <http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm> Acesso em 03/11/2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Unidade Saúde Escola. Site da Instituição. Disponível em: <<http://www.use.ufscar.br/>> Acesso em 04/11/2015.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989

WILLIAMS, L. C. A.; AIELLO, A. L. R. O Inventário Portage operacionalizado: intervenção com famílias. São Paulo: Memnon, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO INICIAL

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO FINAL

APÊNDICE C – CRONOGRAMA 2014

APÊNDICE D – CRONOGRAMA 2015

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

APÊNDICE F – Dicas 1

APÊNDICE G – Dicas 2

APÊNDICE H – Dicas 3

APÊNDICE I – Dicas 4

APÊNDICE J – Dicas 5

APÊNDICE K – Dicas 6

APÊNDICE L – Dicas 7

APÊNDICE M – Dicas 8

APÊNDICE N – Dicas 9

APÊNDICE O – Dicas 10

INFORMAÇÕES PRELIMINARES⁴

Nome da criança:

Data de nascimento:

Nome do acompanhante:

Data de nascimento:

() Pai () Mãe () Outros. Especifique _____

É você quem acompanha a criança: () Sempre () As vezes

Se a resposta for as vezes, qual o outro acompanhante? Especifique

Caracterização da família:

Número de irmãos da criança: _____

Pessoas que vivem na mesma casa (incluindo você): _____

A criança frequenta alguma escola, creche ou instituição? () Sim () Não

Nome da escola: _____

⁴ Questionário elaborado com base no “Questionário Preliminar” do Inventário Portage Operacionalizado (WILLIAMS; AIELLO, 2001) utilizado na atividade de extensão “Orientações aos pais de crianças com deficiência em sala de espera da Unidade de Saúde Escola (USE) da UFSCar”, sob responsabilidade das professoras Adriana Garcia Gonçalves e Lidia Maria Marson Postalli e da aluna Jade Rodrigues Delamanha do curso de Licenciatura em Educação Especial.

Ano escolar: _____

O que ela mais gosta de fazer na escola: _____

Como é o desempenho da criança na escola? _____

Ela traz tarefa para casa? _____

Com quem faz as tarefas? _____

Qual a atividade escolar que ela mais gosta de fazer em casa: _____

Saúde:

Por que a criança frequenta a USE: _____

Quanto tempo frequenta a USE? _____

Já recebeu outro tipo de atendimento? () Sim () Não Qual? _____

Atualmente a criança toma medicação: () Sim () Não

Nome: _____ Dosagem: _____ horário: _____

Nome: _____ Dosagem: _____ horário: _____

Hábitos sociais:

O que a família costuma fazer em dias de folga: _____

Quais os locais de passeio ou lazer que a família frequenta (exemplo, parques, clubes, igrejas, associações, casa de parentes entre outros) _____

Rotina:

Anote a atividade e qual é a pessoa que está presente e/ou leva a criança para a atividade:

	2ª-feira	3ª-feira	4ª-feira	5ª-feira	6ª-feira	sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							

Essas atividades são feitas sempre? _____

Onde e como a criança brinca normalmente: _____

Com quem ele brinca normalmente: _____

Quais são as brincadeiras com essa pessoa: _____

Que tipo de brincadeira que mais gosta: _____

Que brinquedos usa mais: _____

A criança prefere a companhia de adultos ou criança: _____

Em casa, de que forma a criança realiza as atividades:

	Faz sozinho	Precisa de ajuda parcial	Precisa de ajuda total	Quem ajuda?
Tomar banho				
Escovar os dentes				
Vestir-se				
Pentear os cabelos				
Calçar os sapatos				
Ir ao banheiro				
Alimentar-se				

A criança consegue se locomover: () Sozinha () Precisa de ajuda

Que tipo de ajuda: () De outra pessoa () Andador () Cadeira de roda ()
Ortese

Como se locomove: () Se arrasta () Engatinha () Anda () Não se locomove

A criança consegue se comunicar: () Sozinha () Precisa de ajuda

Como se comunica: () Falando () Apontando () Fazendo gestos () Fazendo
sons

() Usa figuras () Não se comunica

Caracterização da criança:

Para você, quais as dificuldades da criança: _____

Para você, quais são os pontos fortes da criança: _____

Com quem a família pode contar como apoio: _____

Que tipo de apoio recebe: _____

Prioridades:

O que você e sua família consideram prioritário de ser ensinado à criança: _____

Vocês sentem dificuldades em ensinar seu filho: () Sim () Não

Em que? _____

Qual a dificuldade? _____

QUESTIONÁRIO FINAL

Nome da criança: _____

Nome do acompanhante: _____

Nível de escolaridade da criança:

Ensino Fundamental Incompleto (____)

Ensino Fundamental Completo (____)

Ensino Médio Incompleto (____)

Ensino Médio Completo (____)

Ensino Superior Incompleto (____)

Ensino Superior Completo (____)

Nível de escolaridade do acompanhante:

Ensino Fundamental Incompleto (____)

Ensino Fundamental Completo (____)

Ensino Médio Incompleto (____)

Ensino Médio Completo (____)

Ensino Superior Incompleto (____)

Ensino Superior Completo (____)

Escola:

A criança tem um bom desempenho na escola? _____

A criança teve alguma dificuldade na escola esse ano? Se sim, qual? _____

A criança fez as tarefas para casa? _____

Alguém ajudou a criança com as tarefas para casa? _____

Há um lugar/ambiente específico para a criança estudar em casa? _____

Há um diálogo/conversa com a criança sobre as dificuldades na escola? _____

Há um diálogo/conversa entre a família e a escola? _____

A escola reconhece as necessidades e reclamações que a família relata? _____

Saúde:

A criança começou a receber algum outro atendimento durante esse ano? Qual? _____

Para você, qual é o objetivo da criança frequentar os atendimentos? _____

Hábitos sociais:

O que a criança gosta de fazer quando não está na escola? _____

A criança costuma acompanhar a família em atividades, passeios, etc.? _____

A família tem o costume de conversar com a criança sobre diferentes acontecimentos, histórias, notícias e ideias? _____

A família tem o costume de procurar notícias, leis e garantias dos direitos que a criança tem? _

Alguém da família tem o costume de ler para a criança? _____

Quais são as brincadeiras que a criança mais gosta? _____

Quem mais brinca com a criança? _____

Caracterização da criança:

Para você e sua família, qual a maior dificuldade da criança? _____

Para você e sua família, o que é mais importante de ser desenvolvido na criança? _____

Quais são os pontos fortes da criança? _____

Você e sua família sentem dificuldades com a criança? () Sim () Não

Em que? _____

Agora, assinale correspondente ao seu nível de satisfação em relação aos encontros realizados na USE no que se refere às perguntas abaixo.

	INTEIRAMENTE INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM INSATISFEITO E NEM SATISFEITO	SATISFEITO	PLENAMENTE SATISFEITO
8. Você considera que os conteúdos trabalhados nos encontros foram importantes?					
9. Os conteúdos abordados trouxeram ensinamentos positivos para você?					
10. A forma com que os conteúdos foram abordados foram suficientes?					
11. As trocas de informações entre os participantes foram suficientes?					
12. A leitura do material de apoio foi suficiente?					
13. Os folhetos informativos continham informações importantes?					
14. A forma que foi disposta as informações no folheto foi adequada?					

No encontro em que foi abordado a orientação escolar:

	Sim	Um pouco	Não
A temática foi relevante?			
A dinâmica do encontro foi relevante?			
As trocas entre os membros foram importantes?			
As orientações feitas foram importantes?			
Você conseguiu absorver informações novas?			
O tempo de duração do encontro foi coerente?			

No encontro em que foi abordado as dicas sobre a leitura e a alfabetização da criança:

	Sim	Um pouco	Não
A temática foi relevante?			
A dinâmica do encontro foi relevante?			
As trocas entre os membros foram importantes?			
As orientações feitas foram importantes?			
Você conseguiu absorver informações novas?			
O tempo de duração do encontro foi coerente?			

No encontro em que foi abordado as leis sobre o direito à educação e o transporte público:

	Sim	Um pouco	Não
A temática foi relevante?			
A dinâmica do encontro foi relevante?			
As trocas entre os membros foram importantes?			
As orientações feitas foram importantes?			
Você conseguiu absorver informações novas?			
O tempo de duração do encontro foi coerente?			

No encontro em que foi abordado a questão da tutoria e da interdição judicial:

	Sim	Um pouco	Não
A temática foi relevante?			
A dinâmica do encontro foi relevante?			
As trocas entre os membros foram importantes?			
As orientações feitas foram importantes?			
Você conseguiu absorver informações novas?			
O tempo de duração do encontro foi coerente?			

Você realizou alguma ação com seu filho que foi fruto de alguma orientação que recebeu no grupo? Se sim qual.

Pontos positivos dos encontros:

Pontos negativos dos encontros:

Você continuaria no grupo caso continuássemos a atividade?

Se sim, você sugere alguma coisa para continuarmos?

CRONOGRAMA 2014

Datas dos encontros do Projeto "ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE SAÚDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR"
26/05/2014
02/06/2014
16/06/2014
30/06/2014
25/08/2014
08/09/2014
22/09/2014
06/10/2014
20/10/2014
10/11/2014

CRONOGRAMA 2015

Datas dos encontros do Projeto "ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE SAÚDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR" em 2015.
30/04/2015
07/05/2015
21/05/2015
11/06/2015
25/06/2015
02/07/2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa:

ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE SERVIÇO ESCOLA (USE) DA UFSCAR

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS:

Os acompanhantes de crianças que frequentam atendimentos em diversas áreas ficam aguardando em sala de espera e este ambiente pode se tornar produtivo com intervenções apropriadas. O objetivo do presente trabalho será proporcionar informações e trocas de experiência por parte dos acompanhantes de crianças e adolescentes com deficiência atendidas na Unidade Saúde Escola (USE) da UFSCar, possibilitando o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem para acompanhantes que permanecem em sala de espera. Os procedimentos envolverão a aplicação de um questionário e um roteiro para caracterizar os acompanhantes e para buscar subsídios das necessidades que gerarão os temas pertinentes para discussão e orientação dos acompanhantes. Acontecerão encontros semanais com os pais/acompanhantes das crianças atendidas na Unidade Saúde Escola (USE). Serão formados grupos de pais para que os encontros aconteçam em sala de espera. No último encontro será realizada uma entrevista individual com os pais com o objetivo de verificar as possíveis contribuições do grupo de orientação para o filho, para a família e para ele próprio. Com isso, pretendem-se mostrar, aos pais, as possibilidades de desenvolvimento das potencialidades de seus filhos como estratégias para a melhoria da interação pai-filho.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS:

A pesquisa poderá envolver algumas temáticas que, sob a ótica do participante, trará certo constrangimento e/ou desconforto para sua participação. Além disso, pode sentir-se com receio da exposição de suas declarações. Por isso, o participante ficará a vontade durante

todo o encontro de permanecer sem emitir opiniões ou até mesmo ausentar-se momentaneamente do local.

A pesquisa proporcionará benefícios aos pais no que se refere ao conhecimento adquirido com as orientações realizadas durante os encontros. Um benefício secundário previsto refere-se ao desenvolvimento dos filhos, uma vez que possibilitará instruções para potencializar as relações entre pai-filho nos aspectos educacionais e sociais.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE

Eu, _____ portador do RG _____ concordo em participar da pesquisa intitulada “ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE SERVIÇO ESCOLA (USE) DA UFSCAR.” com o preenchimento de um questionário inicial, entrevista final e participação em encontros semanais em sala de espera da Unidade Saúde Escola (USE). Declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento sem que ocorram quaisquer prejuízos físicos e mentais. Declaro ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido(a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Autorizo,

Data: ____/____/____

Adriana Garcia Gonçalves Lidia Maria Marson Postalli Participante

Certos de poder contar com sua autorização, coloco-me à disposição para esclarecimentos, através do telefone ou (16) 996178838, falar com Adriana Garcia Gonçalves e/ou (16)982331344, falar com Lidia Maria Marson Postalli.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

DICAS

ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE
SAUDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR

Profª Adriana Garcia Gonçalves
Profª Lidia Maria Marson Postalli
Jade Rodrigues Delamanha

DICAS PARA O MOMENTO DE ALFABETIZAÇÃO DO SEU FILHO(A)

Dica 1: Falar, contar histórias, desenvolver conversas ajudam as crianças a aprender novas palavras e a se expressar bem.

Dica 2: Conversar com as crianças sobre diferentes acontecimentos, histórias e ideias ajuda no desenvolvimento e na aquisição dos conhecimentos que eles precisarão mais tarde quando começarem a ler e escrever.

Dica 3: Leitura e escrita andam juntas e são apenas maneiras diferentes de representar o que falamos e de nos comunicarmos.

Dica 4: No começo, rabiscos e desenhos são formas de escrita. Eles podem até não representar palavras, mas cada linha e desenho feitos pelas crianças representam uma forma das crianças se comunicarem.

Dica 5: Rabiscos e desenhos ajudam as crianças a desenvolverem a coordenação visual e motora.

Dica 6: Ler com as crianças é a maneira mais simples e eficaz de ajudá-las a se tornar bons leitores.

Dica 7: As crianças que estão acostumadas a ouvir histórias estão mais propensas a querer aprender a ler.

Dica 8: Ler com as crianças ajuda a desenvolver o vocabulário, a compreensão e o conhecimento necessário para ler outros livros quando estiverem maiores.

Dica 9: Ler amplia o vocabulário e traz para o universo infantil palavras diferentes e, muitas vezes, difíceis de serem encontradas nas conversas do dia a dia.

DICAS PARA OS PAIS AUXILIAREM SEUS FILHOS NO MOMENTO DE ESTUDAR

Dica 1: O melhor horário para fazer a lição é diferente para cada criança. Estabeleça um período fixo para as tarefas e respeite o tempo de descanso e os intervalos das refeições.

Dica 2: Em uma casa, é difícil estabelecer a lei do silêncio. De qualquer forma, na hora da lição, reserve um espaço com pouca movimentação e sem interferências de TV, rádio ou música.

Dica 3: Na sala de aula, cada aluno tem direito a uma carteira. Em casa, não deve ser diferente. Separe para seu filho um lugar para os estudos.

Dica 4: A tecnologia é parceira da educação, utilize o computador como material didático do seu filho. Por isso, deixe jogos no computador e no *tablet* para depois das tarefas.

Dica 5: Toda ajuda é sempre bem-vinda, mas alguns pais acabam fazendo o trabalho dos filhos, quando o ideal é fazer junto com eles. Incentive-os a conquistar autonomia.

Dica 6: Não saber responder às dúvidas de seus filhos não é o fim do mundo. Para não correr o risco de cometer erros, o melhor é encaminhá-las ao educador ou a um familiar que possa ajudá-lo.

Dica 7: O processo de aprendizagem varia de criança para criança. De nada adianta estabelecer metas não possíveis de alcançar. Reconheça os limites de seu filho e o encoraje a melhorar.

Dica 8: Mantenha um canal de comunicação efetivo com a escola de seu filho, buscando informar-se com o professor sobre as tarefas de casa.

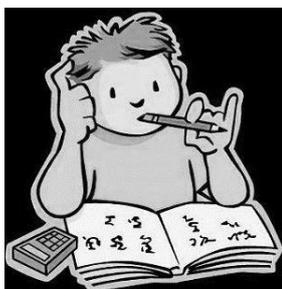
Dica 9: Troque ideias com seu filho, fazendo perguntas para ajudá-lo. Nunca apague os erros e dê a resposta certa. Lembre-se que a correção é papel do professor.

Dica 10: Incentive a criança a sempre tentar de novo, a ler com atenção e refazer os exercícios. Faz parte do processo de aprendizagem as várias tentativas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

DICAS

ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE
SAUDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR



Profª Adriana Garcia Gonçalves
Profª Lidia Maria Marson Postalli

DICAS PARA INCENTIVAR A APRENDIZAGEM DO SEU FILHO(A).

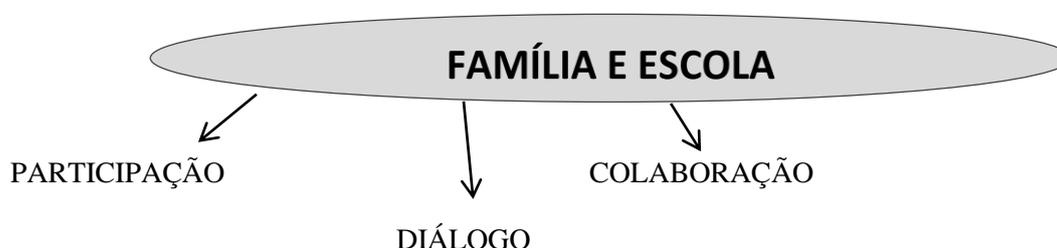
1. Aproveitar as vivências que a criança tem no dia-a-dia e relacionar com o que está sendo estudado.
2. Mostrar-se disponível para a criança/adolescente, mostrando que ele pode contar sempre com a família para ajudá-lo com as lições e dúvidas.
3. Ser paciente e compreensivo com seu filho(a).
4. Manter sempre um bom relacionamento com a criança, e conseqüentemente, um clima de harmonia no momento de estudar.
5. Saber ouvir o que a criança tem a dizer e não ridicularizá-la ou duvidar de sua capacidade.
6. Respeitar as fases de desenvolvimento da criança, sem exigir demais ou de menos de seu aprendizado.
7. Favorecer o desenvolvimento da criança de acordo com sua capacidade, sem fazer comparações com colegas ou irmãos, ajudando a criança a superar-se.
8. Incentive a prática da leitura e escrita de seu filho mesmo que em situações que não envolvem a escola, por exemplo, ler um livro de interesse da criança.
9. Trabalhe junto com o seu filho. O trabalho em grupo motiva e traz novas ideias e possibilidades.
10. Explique à ele(a) a responsabilidade que tem sobre a lição de casa e as tarefas da escola.
11. O computador e a internet são excelentes ferramentas de complementação e suporte para a aprendizagem. Saiba utilizá-las de forma a ajudar na aprendizagem do seu filho(a).
12. Converse com o seu filho(a) sobre as aulas, pergunte o que ele fez naquele dia. Assim, você motiva ele a sempre fazer algo para que possa te contar.

FONTES: http://sitededicas.ne10.uol.com.br/art_motivacao.htm

<https://sites.google.com/site/projetodeaprendizagemgravatai/-a-importancia-da-participacao-dos-pais-na-escola>

DICAS PARA A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA.

1. A família é a base da formação e tem papel decisivo na educação dos filhos, por isso, deve estar sempre participando de reuniões e encontros com a escola.
2. É fundamental que a escola e a família sejam parceiras e estejam sempre conversando para que possam estabelecer objetivos em comum que sejam alcançados.
3. A falta de envolvimento e participação das famílias nas questões escolares é um dos fatores que prejudica a educação de qualidade dos seus filhos.
4. A relação entre a família e a escola não deve ser baseada na "troca de favores". Todos devem colaborar para que, juntas, alcancem o desenvolvimento da criança/adolescente.
5. A educação não é só dever da escola, e nem só dever da família. Todos devem estar envolvidos para obter resultados positivos para a escolarização da criança/adolescente.
6. Caso aconteça algum problema é importante que haja comunicação sem apontar culpados.



FONTE: <http://monografias.brasilecola.com/educacao/interacao-entre-escola-familia-no-processo-ensino-aprendizagem.htm>

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO EM GRUPO PARA A CRIANÇA.

O trabalho em grupo é importante porque possibilita a criatividade, troca de informação, diálogo e quase sempre produz melhores resultados do que o trabalho individual, porque conta com ideias diferentes.

Além disso, o trabalho em grupo sempre traz benefícios que podem ser adquiridos através de diversas experiências com várias pessoas diferentes, como, por exemplo:

1. Ter paciência.
2. Saber dividir tarefas.
3. Trabalhar em conjunto.
4. Ser participativo.
5. Saber conversar/dialogar sobre os assuntos e problemas.
6. Expor as próprias ideias.
7. Aprender a planejar.
8. Socializar.

FONTE: <http://meuartigo.brasilecola.com/administracao/dez-dicas-equipe.htm>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

DICAS

Mudanças na Vida das Crianças

ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE
SAUDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR

Profª Adriana Garcia Gonçalves
Profª Lidia Maria Marson Postalli

Sem dúvida, a rotina é muito importante na vida de uma criança. Mesmo que seja difícil, procure estabelecer horários regulares para refeições, tarefas e dormir/acordar.

A mudança de escola é um período de adaptação para a criança que deve se adaptar à novas professores, regras e amigos.

A escola nova pode ser assustadora para a criança que já estava acostumada com a rotina da escola anterior. Por isso, é importante o apoio e a compreensão dos pais durante essa adaptação.

O desempenho da criança na escola também depende de como ela tem se sentido (triste, feliz, realizada), portanto, vale respeitar algumas dificuldades de ser filho e saber auxiliá-lo entendendo seus problemas.

Se a criança sempre se queixa de ir à escola, está sempre triste ou desanimada, é importante que os pais busquem novas alternativas para ajudar a superar tais problemas.

Horários pré-estabelecidos são de extrema importância para a criança desde seu nascimento no que se refere à sono, higiene e alimentação.

Fique atento com as seguintes mudanças em seu filho que podem indicar que alguma coisa não está do jeito que ele queria:

- Mudanças súbitas no humor e personalidade da criança.
- Culpa ou vergonha de pessoas e lugares que antes não incomodavam.
- Aumento do número de pesadelos ou insônia.
- Faz desenhos estranhos ou sem sentidos o tempo todo.
- Retornam comportamentos que já haviam sido superados como, por exemplo, fazer xixi na cama.
- Chora com mais frequência.
- Não se alimenta direito.

Dicas:

- 1) É importante que os pais participem de reuniões e comunicados da escola para que saibam como auxiliar os filhos corretamente;
- 2) Respeite o tempo que seu filho leva para se adaptar à escola nova e/ou outras mudanças de rotina;
- 3) Preste sempre atenção em seu filho para que possa ajudá-lo a superar qualquer problema que possa surgir;
- 4) Perceba se a rotina da família é compatível com a que a criança deve ter, para que não haja mudanças e problemas indesejados;
- 5) Insira, em algum horário fixo de seu dia, a arrumação das coisas da criança (mochila, lancheira, etc.);
- 6) Estabeleça uma rotina diária que a criança deve seguir para que possa se adaptar mais facilmente ao dia a dia;
- 7) Anote e esteja sempre em dia com os compromissos escolares de seu filho;
- 8) Qualquer mudança na família pode resultar em mudanças no comportamento e desempenho escolar de seu filho. Lembre-se, é importante que você seja sincero com ele e saiba conversar sobre qualquer assunto que possa aparecer.

Bibliografia

<http://vidaorganizada.com/familia/escolinha/como-organizar-a-rotina-de-criancas-em-idade-escolar/>

<http://www.meupequenoprincipe.com.br/geral/artigos/rotina-significa>

<http://www.ip.usp.br/portal/images/stories/lefam/ATT00029.pdf>

<http://www.guiadasemana.com.br/filhos/noticia/mudanca-sem-crise>

<http://conversademenina.wordpress.com/2009/10/06/artigo-o-papel-da-rotina-na-vida-das-criancas/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

LEIS

ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE
SAUDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR

Profª Adriana Garcia Gonçalves
Profª Lidia Maria Marson Postalli
Jade Rodrigues Delamanha

LEI N° 9.394/1996: ESTABELECE AS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo. ([Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013](#))

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. ([Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013](#))

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. ([Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013](#))

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: ([Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013](#))

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

LEI Nº 10.709/2003: GARANTIA TRANSPORTE ESCOLAR GRATUITO.

Art. 10. Os Estados incumbir-se-ão de:

I - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino;

II - definir, com os Municípios, formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, as quais devem assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros disponíveis em cada uma dessas esferas do Poder Público;

III - elaborar e executar políticas e planos educacionais, em consonância com as diretrizes e planos nacionais de educação, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus Municípios;

IV - autorizar, reconhecer, credenciar, supervisionar e avaliar, respectivamente, os cursos das instituições de educação superior e os estabelecimentos do seu sistema de ensino;

V - baixar normas complementares para o seu sistema de ensino;

VI - assegurar o ensino fundamental e oferecer, com prioridade, o ensino médio a todos que o demandarem, respeitado o disposto no art. 38 desta Lei; ([Redação dada pela Lei nº 12.061, de 2009](#));

VII - assumir o transporte escolar dos alunos da rede estadual. ([Incluído pela Lei nº 10.709, de 31.7.2003](#));

Parágrafo único. Ao Distrito Federal aplicar-se-ão as competências referentes aos Estados e aos Municípios.

Art. 11. Os Municípios incumbir-se-ão de:

I - organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados;

II - exercer ação redistributiva em relação às suas escolas;

III - baixar normas complementares para o seu sistema de ensino;

IV - autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do seu sistema de ensino;

V - oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino.

VI - assumir o transporte escolar dos alunos da rede municipal. ([Incluído pela Lei nº 10.709, de 31.7.2003](#)).

TUTELA

O que é tutela?

É um encargo atribuído pelo Juiz a uma pessoa que seja capaz de proteger, zelar, guardar, orientar, responsabilizar-se e administrar os bens de uma criança ou de um adolescente menor de 18 anos, cujos pais são falecidos, ou estejam ausentes, ou tenham sido destituídos do poder familiar. Poder familiar é o conjunto de direitos e obrigações que os pais têm perante os filhos (zelar pelo seu bem estar e por sua educação, alimentar, vestir). Perde-se o poder familiar em função de maus tratos, negligência ou falta de condições para prover o sustento dos filhos.

Quem pode ser tutelado?

A criança e o adolescente, menor de 18 anos, e não tiver pais (falecido ou ausente), ou quando seus pais tiverem destituídos do poder familiar pelo juiz e, ainda, quando não for casado, listado no exército ou emancipado.

Quem pode requerer a tutela?

Os avós, os irmãos, os tios, ou qualquer outra pessoa que conheça a criança ou adolescente, observada esta ordem e sempre levando em conta o interesse da criança ou do adolescente.

Quem pode ser tutor?

O pai e/ou a mãe. Na falta dos pais (se falecidos, ausentes ou destituídos do poder familiar) o tutor é designado pelo Juiz e pode ser qualquer parente ou pessoa próxima, desde que seja idônea, pois irá assumir o compromisso legal de zelar pelos direitos e garantias do menor tutelado, promovendo-lhe a educação, saúde, moradia, lazer, convívio familiar, etc.

O que se espera do tutor?

O tutor é o representante legal da criança ou adolescente tutelado. Espera-se que administre o patrimônio (pensão, aluguéis, contratos) do tutelado, suas despesas e dívidas e o represente nos atos da vida civil, tais como a matricular na escola ou cursos, autorizar viagens, autorizar internamentos hospitalares e cirurgias. É responsável pela saúde, educação, lazer e pelo bom desenvolvimento das funções emocionais e afetivas do tutelado.

Antes de assumir a tutela, o tutor deve comprovar que também possui renda ou bens compatíveis com o patrimônio que irá administrar pelo tutelado (o que é feito pelo procedimento de especialização da hipoteca legal).

CURATELA

O que é curatela?

É o encargo atribuído pelo Juiz a uma pessoa que seja capaz de proteger, zelar, guardar, orientar, responsabilizar-se e administrar os bens de uma pessoa declarada judicialmente

incapaz. A incapacidade está atrelada à má formação congênita, transtornos mentais, dependência química ou doenças neurológicas.

A incapacidade da pessoa é de reger os atos da vida civil, ou seja, de compreender as consequências de suas ações e decisões em relação à assinatura de contratos, vender e comprar, movimentar conta bancária, entre outros.

Quem pode ser curatelado?

Pessoa maior de 18 anos de idade que devido a alguma enfermidade, doença mental ou dependência química seja impedida de temporária ou permanentemente de reger e discernir os atos da vida civil.

As pessoas com deficiência que não puderem exprimir sua vontade e as pessoas com deficiência mental (ou intelectual). Os ébrios e os pródigos (pessoas esbanjadoras ou compulsivas que colocam em risco seus bens e/ou patrimônio, bem como a sobrevivência de seus dependentes e da família). O nascituro (feto) e o recém-nascido, cujo pai tenha falecido antes de seu nascimento, e a mãe não tiver condições de exercer o poder familiar. A pessoa doente ou o deficiente físico, que se julgar incapaz de administrar seus bens ou não puder exprimir sua vontade.

Quando deve ser requerida a Curatela?

Quando a pessoa não puder manifestar sua vontade ou gerenciar a sua própria vida de forma independente.

Quem pode requerer a curatela?

O pai, a mãe, o tutor, o cônjuge, o parente próximo, o Ministério Público, ou ainda qualquer pessoa interessada, pois a medida tem por objetivo proteger o interesse da pessoa com deficiência.

Quem pode ser o curador?

O cônjuge ou companheiro do interditado. São curadores legítimos o pai ou a mãe. Na falta destes o parente mais próximo, ou qualquer outra pessoa nomeada que se responsabiliza perante o Juiz pela pessoa do interditado. Os pais podem indicar em testamento o curador de sua preferência.

INTERDIÇÃO

O que é interdição?

É um direito da pessoa com deficiência para lhe garantir proteção. É uma medida judicial que declara a falta de capacidade da pessoa para gerir seus negócios e atos decorrentes da vida civil. A interdição pode ser total ou parcial e será nomeado curador para representar a

pessoa interditada. A interdição é um instrumento judicial necessário para se obter a curatela.

Como proceder à interdição?

É um processo judicial que se inicia com um pedido dirigido ao Juiz, por meio de petição inicial apresentada por advogado ou defensor público. O pedido deve ser apresentado no juízo do domicílio da pessoa e conter: a prova da legitimidade do autor da ação e a prova da incapacidade do interditando para exercer os atos da administração de seus bens.

Quando promover à interdição?

A partir do momento em que a pessoa completar 18 anos de idade.
A interdição pode ser cessada? E quem pode solicitar?

Sim, quando cessar a causa que determinou a interdição. Nesse caso, o juiz para decidir sobre o levantamento da interdição, nomeando um perito para emitir laudo, podendo também ouvir testemunhas. Ou então, a própria pessoa interditada poderá solicitar o levantamento da interdição.

Em resumo, qual é a diferença entre tutela, curatela e interdição?

A tutela é uma medida de proteção da pessoa menor de 18 anos, órfão de pai e mãe ou quando estes estão destituídos do poder familiar. A curatela é uma medida de proteção da pessoa maior de 18 anos de idade, que se enquadre nas hipóteses do artigo 1.767 do Código Civil. A interdição é o processo judicial por meio do qual se requer a curatela do incapaz.

Para mais informações sobre: <http://www.apaedf.org.br/interdicao.pdf>

ESTUDO DE CASO

Aluna com nove anos de idade, que iniciou sua vida escolar aos três anos em uma turma de maternal em uma escola particular.

Atualmente a aluna está matriculada em uma escola da Rede Municipal de uma cidade do interior de SP, e está cursando o Ensino Fundamental, 3º ano. E mesmo frequentando a escola há 03 anos, ainda não lê e não escreve independentemente.

A aluna com deficiência física apresenta bom relacionamento com os colegas e funcionários da escola. Percebe-se que ela colabora na realização das tarefas proporcionadas em sala de aula e no Atendimento Educacional Especializado – AEE (que é feito no contra turno) sempre tentando realizar as atividades e tentando superar os limites que a deficiência lhe impõe, porém, necessita de uma atenção direta e um estímulo físico e verbal constante das professoras, porque demonstra uma grande insegurança durante o desenvolvimento das atividades. Quando as instruções verbais dadas pelas professoras são claras e precisas (obedecendo a ordem em que as atividades serão feitas e o que os alunos deverão fazer realmente) em relação a atividade proposta, a aluna consegue corresponder ao que é solicitado.

No desenvolvimento cognitivo, a aluna demonstra boa capacidade de raciocínio e, quanto aos conceitos matemáticos, apresenta dificuldades na construção da ideia de números e de classificação. A aluna não consegue identificar a ordem dos números com muita facilidade e na classificação de números (par ou ímpar).

Consegue compreender instruções e desenvolver atividades ligadas a vida diária, mas apresenta dificuldades em assimilar as explicações mais complexas. Mesmo assim, a aluna consegue se concentrar e participar das atividades que demandam regras, como os jogos e brincadeiras coletivas, como também tem uma boa articulação na linguagem e se expressa com fluência.

No desenvolvimento psicomotor, apresenta na área da motricidade global dificuldades que foram demonstradas através de brincadeiras, nas quais exigiam movimentos mais complexos. Na motricidade fina, necessita do uso de adaptações (como engrossadores, por exemplo) ou computador (utilização para a digitação dos conteúdos passados pela professora) e percebe-se claramente a sua dificuldade com o traçado das letras e dos desenhos. Já consolidou as noções de direita e esquerda e consegue se localizar no espaço.

Quanto ao desenvolvimento social e afetivo, ela mantém um bom relacionamento com seus colegas, professores e demais funcionários da escola. Reage com reprovações diante de alguma mudança, como por exemplo, a troca de professor, recusando, inicialmente, a presença do novo professor, mas depois de algum tempo de contato estabelece uma relação de apego e demonstra um nível de autonomia com iniciativas para dialogar sobre assuntos que lhe interessam naquele momento.

Apresenta, também, uma alteração de humor momentânea quando algo não lhe agrada. Interage com todos os alunos da escola, especialmente com os colegas de sala que insistem em ajudá-la e a auxiliá-la com a cadeira de rodas quando há necessidade de locomoção e se envolve nas brincadeiras durante o recreio.

No contexto familiar, a aluna apresenta uma preferência por brincadeiras com a irmã mais nova e por televisão, principalmente, os desenhos animados.

No contexto escolar, sente-se segura e bem acolhida, apesar da escola não contar com um programa de acessibilidade arquitetônica muito efetivo. A escola é parcialmente acessível (necessitando de rampas de acesso para alguns ambientes) e a sala de aula ventilada e espaçosa.

Na sala de aula regular, a professora costuma trabalhar com as carteiras em semicírculo o que facilita o ensino aprendizagem, uma vez que a ambiência é fundamental para o favorecimento de práticas inclusivas.

Em sua aprendizagem, a aluna apresenta dificuldades na leitura e escrita, porém, consegue fazer leitura de imagem com determinação e, a partir da sequência de imagens ou ilustrações, interpreta o conteúdo de um texto simples. Identifica personagens de filmes em desenhos, participa de situações de comunicação quando está em grupo, compreendendo relatos breves, como também, demonstra interesse por histórias e pequenos contos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

DICAS

ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE
SAUDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR

Prof^a Adriana Garcia Gonçalves
Jade Rodrigues Delamanha

LIDANDO COM O BULLYING:

Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. Veja algumas dicas para lidar com isso:

1. Envolver-se no cotidiano escolar da criança: necessidade de saber o que está acontecendo com os colegas e professores e as experiências contadas pelos filhos.
2. Não tirar a criança imediatamente da escola: procure sempre explicar para o seu filho(a) as diferenças. Tente conversar com a direção da escola e lidar com o problema antes de retirar o filho da escola.
3. Permaneça atento ao problema sempre: mesmo que o problema de bullying tenha se resolvido, permaneça atento para o caso dele voltar a se repetir.

4. Observe de onde parte o bullying.
5. Procure sempre ter conversas com seu filho(a) sobre isso.
6. Atente-se aos comportamentos diferentes de seu filho(a).
7. Procure ajuda caso haja a necessidade de um profissional para auxiliar a criança.
8. Sempre elogie a criança e mostre que ela não deve dar atenção ao que estão falando.
9. Lembre-se que o bullying não acontece apenas na escola. Internet e outros locais também são alvos. Fique atento.

ENTENDENDO A MASTURBAÇÃO DO SEU FILHO:

1. **Abordagem:** Apesar de existirem marcos do desenvolvimento infantil, os pais precisam sempre lembrar que cada criança é única e tem o seu tempo para descobrir e entender o mundo ao seu redor. O que esses meninos e meninas precisam entender é que são partes do corpo para serem lidados quando eles estiverem sozinhos. Esse recado ajuda as crianças a irem percebendo que o corpo é exclusividade delas.
2. **Insistência:** É consenso entre especialistas que bater, xingar, reprimir não é o caminho para tratar a masturbação na infância, mesmo se o comportamento for insistente. Adriana Monteiro diz que a criança não entende que, moralmente, o comportamento em público não é bem aceito.
3. **Excesso:** o que os pais precisam observar é em que situação a masturbação acontece, se a situação for em excesso, muito frequente, vale a pena conversar com a criança ou procurar um atendimento especializado.
4. **Adolescência:** Para os adultos que já são pais e mães de adolescentes, o desafio da educação sexual é a família se abrir para conversar sobre as emoções dos filhos e filhas. Discutir sexualidade não significa só falar de gravidez e camisinha.

COMO CONVERSAR SOBRE MENSTRUÇÃO COM A SUA FILHA:

1. **Descubra o que ela já sabe.** Esclareça os conceitos errados. Certifique-se de que você e ela tenham informações corretas.

2. **Compartilhe sua experiência.** Por lembrar e compartilhar com ela sua experiência, você pode dar o apoio emocional tão necessário para sua filha.
3. **Dê informações práticas.** Algumas dúvidas comuns das meninas são: “E se eu estiver na escola quando tiver minha primeira menstruação?”, “Que produtos preciso usar?”, “Como se usam esses produtos?”
4. **Apresente as informações de modo simples.** Adapte as informações para a idade e a capacidade de sua filha.
5. **Faça dessa orientação um processo contínuo.** Comece a conversar com sua filha sobre o assunto antes da menarca e continue fazendo isso durante o tempo que for necessário, mesmo depois de ela começar a menstruar.
6. **Seja compreensiva.** Sua filha talvez hesite em conversar sobre assuntos íntimos.

SAIBA MAIS EM:

- ❖ <http://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/102006164>
- ❖ http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2013/10/09/noticia_saudeplena,145860/masturbacao-infantil-e-a-descoberta-do-proprio-corpo.shtml
- ❖ <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/30-dicas-como-ajudar-seu-filho-lidar-bullying-647014.shtml>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

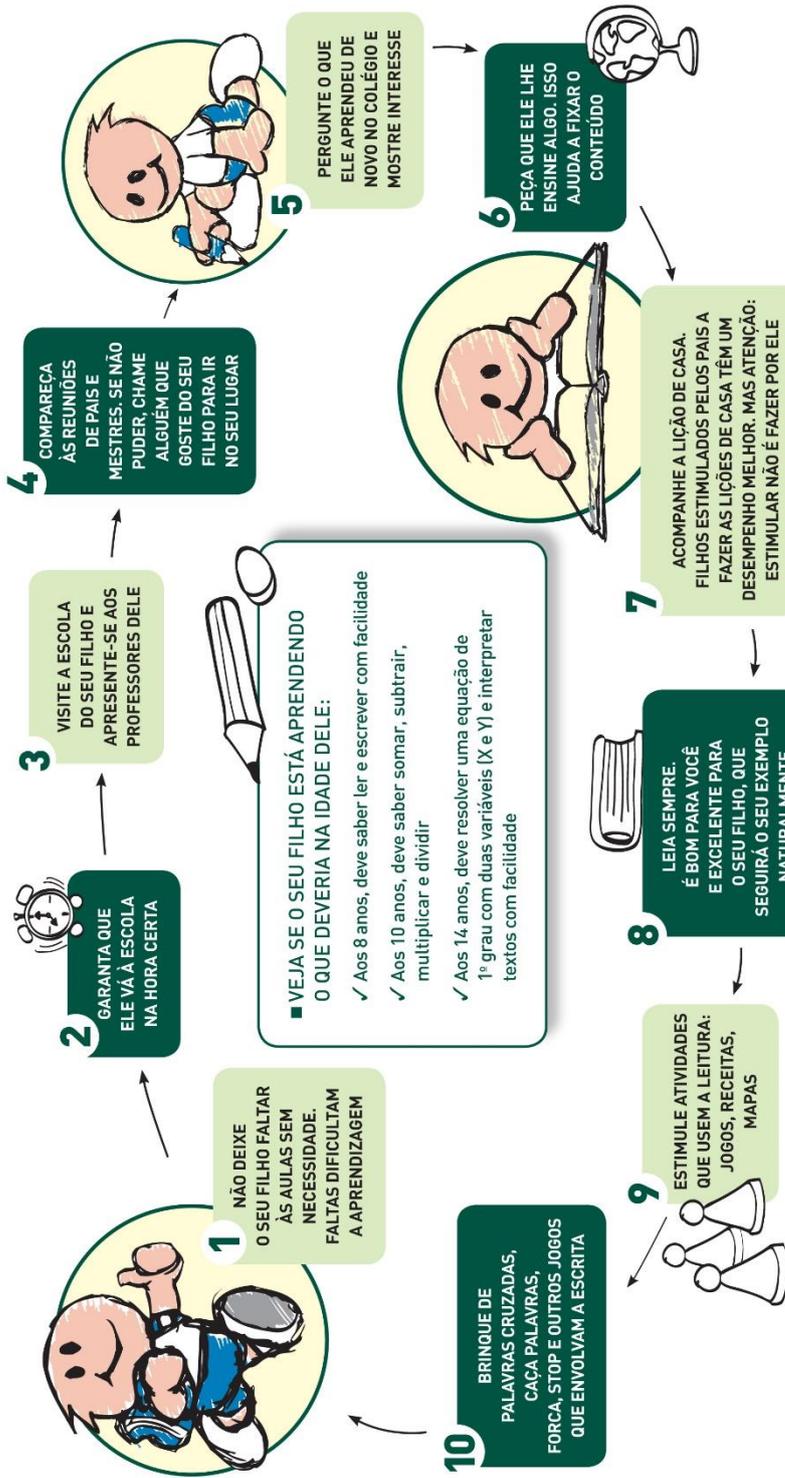
ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS EM SALA DE ESPERA DA
UNIDADE SAÚDE ESCOLA (USE) DA UFSCAR

DICAS PARA AJUDAR A CRIANÇA A LIDAR COM A SEPARAÇÃO DOS PAIS

- Como os pais devem informar a criança sobre a separação?
De forma clara, afirmativa, honesta, sem tons de voz demonstrando dor ou culpando um ou outro.
- Quais os sentimentos que essa notícia pode despertar?
A criança pode ficar confusa, imaginando quais aspectos de sua vida sofrerá alterações e muitas vezes ela também pode imaginar-se como culpada. Por isso, os pais devem ficar atentos e sempre esclarecer todas as dúvidas que possam surgir.
- Como evitar o sofrimento dos filhos nesse momento tão delicado para o casal?
Nem sempre há sofrimento. Em outros casos talvez não dê para evitar, mas pode ser possível amenizar sofrimentos. Para isso, é necessário deixar muito claro que a separação é apenas do casamento mas ele continuará sendo amado pelos dois da mesma forma.
- A partir de qual idade a criança sente mais a separação?
Não há uma idade certa, cada caso é um caso, mas conforme a criança vai entrando numa maturidade e pode entender o que significa separação, ou seja, ver menos um dos pais, não vê-los mais em atos de carinho, mais a separação será sentida.
- Como deve ser resolvida a guarda dos filhos?
A decisão da guarda deve priorizar o que é melhor para os filhos, os critérios a ser observados deve ser quanto o pai ou mãe que tem maior possibilidade de oferecer proteção, saúde, alimentação nos horários corretos, etc.
- Quando os pais estão bem-resolvidos na questão da separação, os filhos conseguem lidar melhor com a situação?
Este é um grande indicador para que as crianças lidem bem com o assunto. Pois por mais que os pais tentem disfarçar e representar um papel falso de felicidade sempre haverá dicas que a criança captará sem que os pais percebam.
Fonte: <http://www.marisapsicologa.com.br/separacao-dos-pais.html>

EDUCAÇÃO COMEÇA EM CASA

Confira as 10 dicas abaixo e participe mais do dia a dia escolar do seu filho. É simples e ele merece.



www.educarparacrescer.com.br

Realização



Apoio

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

Zig Zag
ZAP

Abril

Instituto
UNIBANCO

Sistema CONTEF/CREFS
Conselhos Federal e Regionais
de Educação Infantil

CONTEF

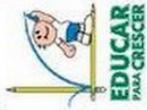
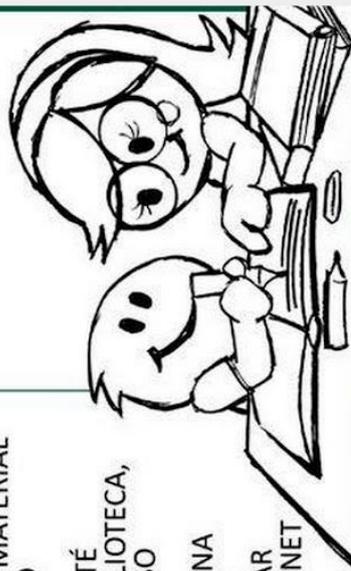
Zig Zag
ZAP

<



VEJA COMO AJUDAR SEU FILHO NA HORA DA LIÇÃO DE CASA

- 1 AJUDE-O A CRIAR UMA ROTINA DE ESTUDOS
- 2 ARRUME UM LOCAL PARA OS ESTUDOS
- 3 NÃO DÊ RESPOSTAS PRONTAS
- 4 OFEREÇA MATERIAL DE APOIO
- 5 LEVE-O ATÉ UMA BIBLIOTECA, SE PRECISO
- 6 AJUDE-O NA HORA DE PESQUISAR NA INTERNET
- 7 PERGUNTE SE ELE TEM DIFICULDADES
- 8 ORIENTE-O A LEVAR AS DÚVIDAS PARA A ESCOLA
- 9 APROVEITE PARA SABER O QUE ELE ESTÁ APRENDEDO



NA REUNIÃO DE PAIS, VOCÊ TEM A OPORTUNIDADE DE:

- 1 CONVERSAR COM OS PROFESSORES
- 2 DESCOBRIR AS DIFICULDADES DO SEU FILHO
- 3 SABER O QUE SEU FILHO DEVE APRENDER
- 4 CONHECER MELHOR A ESCOLA
- 5 ESCLARECER DÚVIDAS
- 6 FIRMAR UMA PARCERIA COM A ESCOLA
- 7 ENTENDER OS PROBLEMAS DO SEU FILHO
- 8 CONHECER COMO A ESCOLA TRABALHA
- 9 ADQUIRIR MAIS CONFIANÇA NA ESCOLA

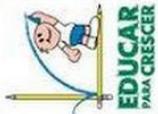


www.educarparacrescer.com.br

Realização

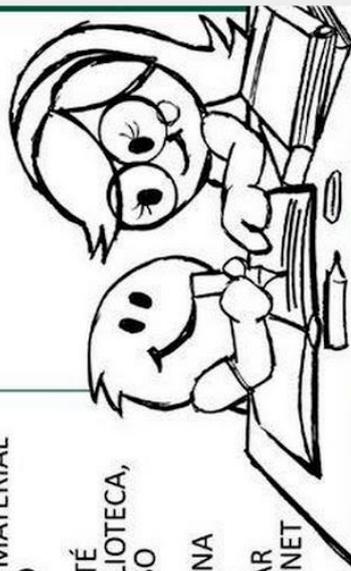


Apoio



VEJA COMO AJUDAR SEU FILHO NA HORA DA LIÇÃO DE CASA

- 1 AJUDE-O A CRIAR UMA ROTINA DE ESTUDOS
- 2 ARRUME UM LOCAL PARA OS ESTUDOS
- 3 NÃO DÊ RESPOSTAS PRONTAS
- 4 OFEREÇA MATERIAL DE APOIO
- 5 LEVE-O ATÉ UMA BIBLIOTECA, SE PRECISO
- 6 AJUDE-O NA HORA DE PESQUISAR NA INTERNET
- 7 PERGUNTE SE ELE TEM DIFICULDADES
- 8 ORIENTE-O A LEVAR AS DÚVIDAS PARA A ESCOLA
- 9 APROVEITE PARA SABER O QUE ELE ESTÁ APRENDEDO



www.educarparacrescer.com.br

Realização



Apoio



ANEXOS

ANEXO A – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO
CARLOS (UFSCAR)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ORIENTAÇÕES AOS PAIS DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA EM SALA DE ESPERA DA UNIDADE SERVIÇO ESCOLA - USE DA UFSCAR

Pesquisador: Adriana Garcia Gonçalves

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 28067814.9.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 664.188

Data da Relatoria: 11/03/2014

Apresentação do Projeto:

A pesquisa terá como foco a utilização do espaço de sala de espera da USE/UFSCar como oportunidade para a ocorrência de dez encontros com pais de crianças com deficiência, atendidas na Unidade

Objetivo da Pesquisa:

"Diante disso, o objetivo do presente trabalho será proporcionar informações e trocas de experiência por parte dos acompanhantes de crianças e adolescentes com deficiência atendidas na Unidade Saúde Escola (USE) da UFSCar, possibilitando o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem para acompanhantes que permanecem em sala de espera. Com isso, pretendem-se mostrar, aos pais, as possibilidades de desenvolvimento das potencialidades de seus filhos como estratégias para a melhoria da interação pai-filho."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Descritos no TCLE:

"DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS:

A pesquisa poderá envolver algumas temáticas que, sob a ótica do participante, trará certo constrangimento e/ou desconforto para sua participação. Além disso, pode sentir-se com receio da exposição de suas declarações. Por isso, o participante ficará a vontade durante todo o

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 664.186

encontro de permanecer sem emitir opiniões ou até mesmo ausentar-se momentaneamente do local. A pesquisa proporcionará benefícios aos pais no que se refere ao conhecimento adquirido com as orientações realizadas durante os encontros. Um benefício secundário previsto refere-se ao desenvolvimento dos filhos, uma vez que possibilitará instruções para potencializar as relações entre pai-filho nos aspectos educacionais e sociais."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa bem descrita e com benefícios claros ao participante

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE adequado - sugere-se inserir informação sobre duração aproximada de cada atendimento. Como termo de concordância da instituição co-participante foi inserida a tramitação do projeto pelo sistema ProexWeb atestando a concordância da USE.

O TCLE não contempla o sigilo do participante, uma vez que este sigilo de fato não se aplica a esta pesquisa. Recomenda-se que os pesquisadores conduzam discussões gerais, com assuntos de interesse amplo (como descrito na metodologia) e que insiram no TCLE medidas que tomarão a fim de evitar a exposição das famílias em um ambiente muito prático porém pouco privativo, como uma sala de espera.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Favor ver sugestões e inserir no TCLE informações sobre privacidade dos participantes.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9653

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 664.186

SAO CARLOS, 28 de Maio de 2014

Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9663

E-mail: cephumanos@ufscar.br

